

Convergência

Setembro • 2018 • ANO LIII

514

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jadelmir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Gráfica e Editora Qualitytá
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

- NARRAÇÕES BÍBLICAS: AS RELAÇÕES COM DEUS,
COM O PRÓXIMO, COM A TERRA 5

Mensagem do papa

- A SABEDORIA DAS NARRAÇÕES BÍBLICAS 8

Mártires/Santos

- SERVA DE DEUS MADRE LEÔNIA E O SEU
PROCESSO DE CANONIZAÇÃO 14
Irmã Tereza de Almeida, mc

Informes

- A ITINERÂNCIA NO PROJETO
INTERCONGREG. PAN-AMAZÔNICO ISLANDIA, PERU 20
Irmã Zélia Gomes, mjc

- A DIVERSIDADE DE CORES NA
INTERCONGREGACIONALIDADE 23
Irmã Zélia Gomes, mjc

- AS ENTRELINHAS DA
INTERCONGREGACIONALIDADE E MISSÃO AD GENTES 25
Comunidade Intercong. de Salawe - Dioc. Pemba - Moçambique

- CINQUENTA ANOS DO DOCUMENTO DE MEDELLÍN 34
Padre Alfredo Gonçalves, cs

Artigos

- PROFETISMO NA VIDA REL. CONSAGRADA HOJE 36
Irmã Márian Ambrosio, idp

- REGAR A TERRA EM TEMPO DE SECURA VOCACIONAL 48
Padre Jose Cristo Rey G. Paredes, cmf

ROSTOS DA COMUNIDADE E COM. FORMADORA <i>Frei André Tavares, op</i>	60
DIVINDADES – HUMANIDADES – VIDAS <i>Padre Justino Samento Rezende, sdb</i>	74
O ESPÍRITO AGE DE MANEIRA SUTIL E PERMANENTE! <i>Irmã Rejane Paiva, op</i>	87

NARRAÇÕES BÍBLICAS: AS RELAÇÕES COM DEUS, COM O PRÓXIMO, COM A TERRA

No mês da Bíblia, a *Laudato Si'* nos mostra a sabedoria das narrações bíblicas. As narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo, com a terra. “Segundo a Bíblia, essas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós”. Esta ruptura é o pecado, pois foi destruída a harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação.

A seção Mártires/Santos traz a Serva de Deus Madre Leônia e o seu processo de canonização, texto da postuladora Irmã Tereza de Almeida, missionária claretiana. Escreve a autora que Madre Leônia “manteve na sua vida profunda e intensa espiritualidade eucarística e mariana, o amor aos pobres e à Igreja. Para ela é preciso contemplar Jesus na Eucaristia para vê-lo no rosto do irmão necessitado e servi-lo na missão”.

Na seção Informe, Irmã Zélia oferece dois textos: *A Itinerância no Projeto Intercongregacional Pan-Amazônico - Islandia, Peru e A diversidade de cores na intercongregacionalidade*. No Primeiro texto, a Irmã informa por que foi criado o Projeto Pan-Amazônico: “Quando criamos este projeto Pan-Amazônico, consideramos partir do princípio de que a dimensão itinerante teria um lugar primordial. Primeiro, porque na Amazônia essa é a forma mais efetiva de ser Igreja inculturada, por sua própria dimensão geográfica e diversidade cultural, exigindo uma presença adequada em cada povo ou comunidade, atendendo cada comunidade de forma objetiva e única. Segundo, porque, sendo um projeto Pan-Amazônico e estando presente em diversos países,

fazia-se necessária essa dimensão itinerante no projeto. Ele foi criado para itinerar pelos nove países amazônicos”. No segundo texto, ela explica que é na diversidade das cores-carismas que se constroi a experiência da intercongregacionalidade. “O que nos reúne não são as nossas diferenças estruturais, o que nos une é o que temos em comum: a missão, o Reino, os pobres e sobretudo o Projeto de Jesus Cristo”.

A Comunidade Intercongregacional de Salawe, diocese de Pembra – Moçambique, apresenta as As Entrelinhas da Intercongregacionalidade e Missão Ad Gentes. Está é a comunidade das primeiras Irmãs do Projeto: “Somos quatro Irmãs, provenientes de quatro diferentes Congregações religiosas: Irmã Francisca Maia, Congregação do Imaculado Coração de Maria; Irmã Neuza Bernardo, Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência; Irmã Telma Silva de Oliveira, Congregação das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima; Irmã Ana da Glória Alves Rolin, Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas.

Padre Alfredo fala sobre os Cinquenta Anos do Documento de Medellín. O documento tem como título “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. O autor esclarece que “algumas expressões do texto são emblemáticas de um profetismo e de um engajamento sociopastoral e político que em todo continente se fazia cada vez mais forte e vigoroso: “Injustiça que clama aos céus” (Cap. 1, n. 1); “frustrações crescentes” (cap. 1, n. 4); “situação de injustiça que pode ser chamada de violência institucionalizada” (cap. 2, n. 15); “um surdo clamor brota de milhões de homens” (cap. 14, n. 2); “vigência de estruturas inadequadas e injustas” (cap. 15, n. 1); “a miséria que marginaliza grandes grupos humanos” (cap.1, n. 1). Diante de tudo isso, os bispos ressaltam a necessidade de “levar a cabo uma autêntica e urgente reforma das estruturas e da política agrária” (cap. 2, n. 8)”.

A seção Artigos inicia-se com a Irmã Márian Ambrosio, presidente da CRB Nacional de 2007 a 2013, que publica Profetismo na Vida Religiosa Consagrada hoje, mesmo tema da Conferência que a autora proferiu no Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada, realizado de 5 a 8 de maio de 2018, em Aparecida. Irmã Márian nos convida a contemplar a nossa própria forma de vida – “a Vida Religiosa Consagrada comprometida com sua marca específica: a profecia”.

Regar a Terra em Tempo de Secura Vocacional é artigo do Padre Jose Cristo Rey G. Paredes, cmf. Com a metáfora das borboletas, mensagens silenciosas de uma boa notícia, o autor transmite esperança à

VRC: “Do mesmo modo, ocorrem metamorfoses na Vida Religiosa. São lentas, irremediavelmente lentas. Pouco a pouco, vamos mudando de formato. Trata-se de uma adequação quase total. Aguardamos por esse momento de graça, momento surpreendente no qual todos os nossos bicho-de-seda se transformarão em borboletas e viveremos um novo ciclo, uma outra história”.

Frei André Tavares desenvolve o tema Rostos da comunidade e comunidade formadora, em que descreve “o rosto ausente”, “o rosto queixoso”, “o rosto sexólogo”, “o rosto Tia Leocádia”, “o rosto vaidoso” e “o rosto Senhor Feudal”. Ele explica: No presente artigo, retomamos, e oferecemos às leitoras e aos leitores da revista “Convergência” as intuições desenvolvidas em conferência que ministramos em Lima, capital peruana, durante o encontro bienal de formadoras e formadores da família dominicana de toda a América Latina e Caribe (aos 24 de agosto de 2015).

Divindades – Humanidades – Vidas: releitura das espiritualidades indígenas é um texto do pe. Justino Sarmiento Rezende. Abrindo a conversa, o autor expressa: “Amigo leitor e amiga leitora, eu partilho com vocês um assunto muito interessante. Você que é membro do povo indígena, você que é não-indígena comprometido/a com as causas dos povos indígenas e você que é admirador/a das riquezas das culturas dos povos indígenas têm em mãos uma reflexão que lhes inspirará a recuperação e fortalecimento dos saberes indígenas”. E fechando a conversa, expressa: “Agradeço-lhes pela oportunidade de partilhar com vocês a minha vida, minhas crenças e minhas esperanças. Continuemos construindo práticas educativas capazes de transformar a vida das pessoas e a convivência humana”.

“O Espírito age de maneira sutil e permanente!!!” É o artigo para o Mês da Bíblia, escrito pela Irmã Rejane, membro da Equipe Interdisciplinar da CRB, representante da área bíblica. A autora desenvolve belas reflexões sobre o Tema e o Lema. Tema: Para que n’Ele nossos povos tenham vida! Lema: A sabedoria é um espírito amigo do ser humano (Sb1, 6).

Irmão Lauro Daros, marista

A SABEDORIA DAS NARRAÇÕES BÍBLICAS

FONTE: LAUDATO SI', NÚMEROS 65 A 75.

65. Sem repropor aqui toda a teologia da Criação, queremos saber o que nos dizem as grandes narrações bíblicas sobre a relação do ser humano com o mundo. Na primeira narração da obra criadora, no livro do Génesis, o plano de Deus inclui a criação da humanidade. Depois da criação do homem e da mulher, diz-se que “Deus, vendo a sua obra, considerou-a muito boa” (Gn 1, 31). A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que “não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas”. [37] São João Paulo II recordou que o amor muito especial que o Criador tem para cada ser humano “confere-lhe uma dignidade infinita”. [38] Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: “Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia” (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, “cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário”. [39]

66. As narrações da criação no livro do Génesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós. Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas. Este facto distorceu também a natureza do mandato de “dominar” a terra (cf. Gn 1, 28) e de a “cultivar e guardar” (cf. Gn 2, 15). Como resultado, a relação originariamente harmoniosa entre o ser humano e a natureza transformou-se num conflito (cf. Gn 3, 17-19). Por isso, é significativo que a harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas tenha sido interpretada como uma sanção daquela ruptura. Dizia São Boaventura que, através da reconciliação universal com todas as criaturas, Francisco voltara de alguma forma ao estado de inocência original.[40] Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza.

67. Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Génesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorrecta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a “cultivar e guardar” o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto “cultivar” quer dizer lavar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de a proteger e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, “ao Senhor pertence a terra” (Sl 24/23, 1), a Ele pertence “a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10, 14).

Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: “Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-Me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes” (Lv 25, 23).

68. Esta responsabilidade perante uma terra que é de Deus implica que o ser humano, dotado de inteligência, respeite as leis da natureza e os delicados equilíbrios entre os seres deste mundo, porque “Ele deu uma ordem e tudo foi criado; Ele fixou tudo pelos séculos sem fim e estabeleceu leis a que não se pode fugir!” (Sl 148, 5b-6). Consequentemente, a legislação bíblica detém-se a propor ao ser humano várias normas relativas não só às outras pessoas, mas também aos restantes seres vivos: “Se vires o jumento do teu irmão ou o seu boi caídos no caminho, não te desvies deles, mas ajuda-os a levantarem-se. (...) Se encontrares no caminho, em cima de uma árvore ou no chão, um ninho de pássaros com filhotes, ou ovos cobertos pela mãe, não apanharás a mãe com a ninhada” (Dt 22, 4.6). Nesta linha, o descanso do sétimo dia não é proposto só para o ser humano, mas “para que descansem o teu boi e o teu jumento” (Ex 23, 12). Assim nos damos conta de que a Bíblia não dá lugar a um antropocentrismo despótico, que se desinteressa das outras criaturas.

69. Ao mesmo tempo que podemos fazer um uso responsável das coisas, somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus e, “pelo simples facto de existirem, eles O bendizem e Lhe dão glória”[41], porque “o Senhor Se alegra em suas obras” (Sl 104/103, 31). Precisamente pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas, já que “o Senhor fundou a terra com sabedoria” (Pr 3, 19). Hoje, a Igreja não diz, de forma simplista, que as outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade; mas ensina – como fizeram os bispos da Alemanha – que, nas outras criaturas, “se poderia falar da prioridade do ser sobre o ser úteis”. [42] O Catecismo põe em questão, de forma muito direta e insistente, um antropocentrismo desordenado: “Cada criatura possui a sua bondade e perfeição próprias. (...) As diferentes criaturas, queridas pelo seu próprio ser, refletem, cada qual a seu modo, uma centelha da sabedoria e da bondade infinitas de Deus. É por isso que o homem deve respeitar a bondade própria de cada criatura, para evitar o uso desordenado das coisas”. [43]

70. Na narração de Caim e Abel, vemos que a inveja levou Caim a cometer a injustiça extrema contra o seu irmão. Isto, por sua vez, provocou

uma ruptura da relação entre Caim e Deus e entre Caim e a terra, da qual foi exilado. Esta passagem aparece sintetizada no dramático colóquio de Deus com Caim. Deus pergunta: “Onde está o teu irmão Abel?” Caim responde que não sabe, e Deus insiste com ele: “Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim. De futuro, serás amaldiçoado pela terra (...). Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra” (Gn 4, 9-12). O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo. Assim no-lo ensina a narração de Noé, quando Deus ameaça acabar com a humanidade pela sua persistente incapacidade de viver à altura das exigências da justiça e da paz: “O fim de toda a humanidade chegou diante de Mim, pois ela encheu a terra de violência” (Gn 6, 13). Nestas narrações tão antigas, ricas de profundo simbolismo, já estava contida a convicção atual de que tudo está inter-relacionado e o cuidado autêntico da nossa própria vida e das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade aos outros.

71. Embora Deus reconhecesse que “a maldade dos homens era grande na terra” (Gn 6, 5), “arrependendo-Se de ter criado o homem sobre a terra” (Gn 6, 6), Ele decidiu abrir um caminho de salvação através de Noé, que ainda se mantinha íntegro e justo. Assim deu à humanidade a possibilidade de um novo início. Basta um homem bom para haver esperança! A tradição bíblica estabelece claramente que esta reabilitação implica a redescoberta e o respeito dos ritmos inscritos na natureza pela mão do Criador. Isto está patente, por exemplo, na lei do Shabbath. No sétimo dia, Deus descansou de todas as suas obras. Deus ordenou a Israel que cada sétimo dia devia ser celebrado como um dia de descanso, um Shabbath (cf. Gn 2, 2-3; Ex 16, 23; 20, 10). Além disso, de sete em sete anos, instaurou-se também um ano sabático para Israel e a sua terra (cf. Lv 25, 1-4), durante o qual se dava descanso completo à terra, não se semeava e só se colhia o indispensável para sobreviver e oferecer hospitalidade (cf. Lv 25, 4-6). Por fim, passadas sete semanas de anos, ou seja, quarenta e nove anos, celebrava-se o jubileu, um ano de perdão universal, “proclamando na vossa terra a liberdade de todos os que a habitam” (Lv 25, 10). O desenvolvimento desta legislação procurou assegurar o equilíbrio e a equidade nas relações do ser humano com os outros e com a terra onde vivia e trabalhava. Mas, ao mesmo tempo, era um reconhecimento de que a dádiva da terra com os seus frutos pertence a

todo o povo. Aqueles que cultivavam e guardavam o território deviam partilhar os seus frutos, especialmente com os pobres, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros: “Quando procederes à ceifa das vossas terras, não ceifarás as espigas até à extremidade do campo, e não apanharás as espigas caídas. Não rebuscarás também a tua vinha, e não apanharás os bagos caídos. Deixá-los-ás para o pobre e para o estrangeiro” (Lv 19, 9-10).

72. Os Salmos convidam, frequentemente, o ser humano a louvar a Deus criador: “Estendeu a terra sobre as águas, porque o seu amor é eterno” (Sl 136/135, 6). E convidam também as outras criaturas a louvá-Lo: “Louvai-O, sol e lua; louvai-O, estrelas luminosas! Louvai-O, alturas dos céus e águas que estais acima dos céus! Louvem todos o nome do Senhor, porque Ele deu uma ordem e tudo foi criado” (Sl 148, 3-5). Existimos não só pelo poder de Deus, mas também na sua presença e companhia. Por isso O adoramos.

73. Os escritos dos profetas convidam a recuperar forças, nos momentos difíceis, contemplando a Deus poderoso que criou o universo. O poder infinito de Deus não nos leva a escapar da sua ternura paterna, porque n’Ele se conjugam o carinho e a força. Na verdade, toda a sã espiritualidade implica simultaneamente acolher o amor divino e adorar, com confiança, o Senhor pelo seu poder infinito. Na Bíblia, o Deus que liberta e salva é o mesmo que criou o universo, e estes dois modos de agir divino estão íntima e inseparavelmente ligados: “Ah! Senhor Deus, foste Tu que fizeste o céu e a terra com o teu grande poder e o teu braço estendido! Para Ti, nada é impossível! (...) Tu fizeste sair do Egipto o teu povo, Israel, com prodígios e milagres” (Jr 32, 17.21). “O Senhor é um Deus eterno, que criou os confins da terra. Não se cansa nem perde as forças. É insondável a sua sabedoria. Ele dá forças ao cansado e enche de vigor o fraco” (Is 40, 28b-29).

74. A experiência do cativo em Babilónia gerou uma crise espiritual que levou a um aprofundamento da fé em Deus, explicitando a sua onipotência criadora, para animar o povo a recuperar a esperança no meio da sua situação infeliz. Séculos mais tarde, noutra situação de prova e perseguição, quando o Império Romano procurou impor um domínio absoluto, os fiéis voltaram a encontrar consolação e esperança aumentando a sua confiança em Deus onipotente, e cantavam: “Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos!” (Ap 15, 3). Se Deus pôde criar o universo a partir do nada, também pode intervir neste mundo e vencer qualquer forma de mal. Por isso, a injustiça não é invencível.

75. Não podemos defender uma espiritualidade que esqueça Deus todo-poderoso e criador. Neste caso, acabaríamos por adorar outros poderes do mundo, ou colocar-nos-íamos no lugar do Senhor chegando à pretensão de espezinhar sem limites a realidade criada por Ele. A melhor maneira de colocar o ser humano no seu lugar e acabar com a sua pretensão de ser dominador absoluto da terra, é voltar a propor a figura de um Pai criador e único dono do mundo; caso contrário, o ser humano tenderá sempre a querer impor à realidade as suas próprias leis e interesses.

[37] Catecismo da Igreja Católica, 357.

[38] Angelus com os inválidos, Osnabrück / Alemanha (16 de Novembro de 1980): *Insegnamenti* 3/2 (1980), 1232; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 23/XI/1980), 20.

[39] Bento XVI, Homilia no início solene do Ministério Petrino (24 de Abril de 2005): AAS 97 (2005), 711; *L'Osservatore Romano* (ed. portuguesa de 30/IV/2015), 5.

[40] Cf. *Legenda Maior*, VIII, 1: *Fonti Francescane*, 1134.

[41] Catecismo da Igreja Católica, 2416.

[42] Conferência Episcopal Alemã, *Zukunft der Schöpfung – Zukunft der Menschheit. Erklärung der Deutschen Bischofskonferenz zu Fragen der Umwelt und der Energieversorgung* (1980), II, 2. 79

[43] Catecismo da Igreja Católica, 339.

SERVA DE DEUS MADRE LEÔNIA E O SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

IRMÃ TEREZA DE ALMEIDA, MC¹

O universo da santidade contém em si um fascínio que encanta e seduz os filhos de Deus por nos introduzir na relação mais profunda da criatura com o Criador. Por um lado, nos ensina a conhecer a ação bondosa e gratuita do amor de Deus e, por outro, nos desvenda a resposta da pessoa que quer viver plenamente a sua realidade de filho e filha de Deus, irmãos no Filho Jesus, santificados no Espírito.

Para o renomado teólogo jesuíta, Karl Rahner, o século XXI será místico ou não será cristão. O místico é aquele que encarna na vida o mistério do amor divino. Para o Papa emérito, Bento XVI, o amor é o dom que recebemos do Senhor e, com total liberdade e responsabilidade, podemos acolhê-lo e transformar nossas misérias, limites ou não, construindo o nosso destino definitivo.

O nosso querido papa Francisco nos convida a sermos santos no ordinário, na sua última exortação apostólica “gaudete et exultate”. Mas, quem são os santos reconhecidos pela Igreja? São homens e mulheres do seu tempo, que vivem de modo heroico as virtudes teologais, cardeais, a humildade e outras virtudes, como, por exemplo, São Pio da Pietralcina, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II, madre Teresa de Calcutá, Santa Joana Bereta, madre Paulina e tantos outros. Também nós esperamos serem reconhecidos pela Igreja, como a Serva de Deus madre Leônia Milito.

1 Ir. Tereza de Almeida, Missionária de Santo Antonio Maria Claret (Missionária Claretiana), postuladora da Causa de beatificação da Serva de Deus madre Leônia Milito. Reside em Roma. e-mail: tereclarp@yahoo.com.br

O procedimento canônico para beatificar ou canonizar um Servo de Deus é serviço eclesial que supõe empenho e hermenêutica histórica, teológica, espiritual e também científica. Uma causa de canonização comporta sempre documentos e testemunhos que revelem a vida, obra, virtudes heroicas, fama de santidade e a valiosa intercessão do futuro santo ou beato, junto a Deus. Por isso é preciso que a vida do futuro santo ou santa seja conhecida para ser admirada e invocada. Os santos têm essa missão de serem nossos amigos e intercessores no céu.

A vida da Serva de Deus madre Leônia Milito

O postulador ou postuladora de uma causa de canonização sempre sente imensa alegria interior quando torna conhecida a vida do santo ou da santa, ou Servo ou Serva de Deus, pelo santo que lhe torna amigo ou amiga íntima de caminhada, e por promover a vocação à santidade, o *sensus fidei*, a comunhão dos santos e as coisas santas que nos une no mistério do amor de Deus.

Filha de pais comerciantes, madre Leônia, no século, Maria, nasceu em Sapri, cidade beira-mar, província de Salerno, Itália, em 23 de junho de 1913. Seus pais Gabriele Milito e Anna Maria Grisi tiveram seis filhos. Durante a Primeira Guerra Mundial os avós maternos a levaram para a casa em Trecchina, cidade de montanha, e ao lado deles e dos tios passou sua primeira infância, enquanto o pai estava no front.

O retorno do pai assinalou também o seu retorno à casa paterna em 1918. Ingressou na escola, completou os sacramentos de iniciação cristã, estudou piano clássico e na adolescência ingressou na Ação Católica, onde, com mais ou menos dezesseis anos de idade, fez um retiro espiritual e ouviu do pregador um ditado italiano: “Quem tem tempo, não espera tempo”. Ela não tinha ainda pensado no seu futuro e naquele instante sentiu que devia dedicar a sua vida a serviço de todos e não de uma só família. Devia ser religiosa, e religiosa missionária.

Fez um longo discernimento vocacional, e contrariando o desejo do seu pai e irmãos, que sonhavam vê-la realizada no matrimônio feliz, fugiu de casa, deixando a mãe desmaiada, no dia 18 de julho de 1935, com quase 22 anos de idade, e ingressou no Instituto das Pobres Filhas de Santo Antônio, em Secondigliano, Nápoles. Era uma jovem de nobres sentimentos, forte vocação religiosa e completa docilidade à vontade de Deus. Ingressou no noviciado em dezembro de 1935 e lhe foi dado o nome de Leônia em honra a São Leão Magno, o grande

papa e doutor da Igreja. A profissão temporânea foi feita em 1936 e a perpétua em 1943. Desde o noviciado teve como função no Instituto a formação. Foi assistente da mestra de noviças, formadora do Instituto e superiora da comunidade, até o ano de 1953.

Nos anos da Segunda Guerra Mundial, além de sua atividade na formação, ia pelas ruas de Nápoles enfrentando os perigos dos bombardeios, a violência e a insegurança para pedir esmolas e doações de alimentos aos pobres e ao Instituto. Com a autorização dos superiores abriu orfanatos masculinos, a mesa dos pobres, para oferecer um prato de comida aos famintos, escolas e ajudou famílias e irmãs de clausura que passavam necessidades. Foi um ponto de referência às Irmãs do Instituto. Para seu diretor espiritual, ela viveu com constância, perseverança e alegria o amor a Deus e ao próximo, as virtudes teológicas, cardeais, a consagração religiosa e os dons do Espírito Santo. Superava as adversidades e ofensas com um sorriso. Era dinâmica, criativa, líder e disponível para servir, maternal e exigente ao mesmo tempo, não compactuava com uma vida consagrada medíocre.

No profundo de si mesma, o zelo missionário de madre Leônia a impeliu além fronteiras e, com o apoio do governo geral, foi aberta por seu intermédio a missão no Brasil. Em 1953, juntamente com um grupo de Irmãs, ela mesma veio expandir a missão e, no ano seguinte, os novos superiores do Instituto, que não eram favoráveis à missão, a destinaram como responsável pelas casas no Brasil. Em 1956, os superiores deram ordens para repatriar as Irmãs. Por ser obediente aos superiores, madre Leônia, por amor à missão e aos pobres, discerniu com as autoridades eclesíásticas, rezou muito e, mesmo sofrendo, pediu a separação do Instituto, confiante de que a Igreja lhe indicaria a vontade de Deus. Em julho de 1957, a Igreja a dispensou dos votos e a liberou do vínculo com o Instituto.

Nesse momento difícil e singular da sua vida, Dom Geraldo Fernandes, bispo de Londrina que acompanhava o caso, convidou-a para servir a Igreja e os pobres na sua diocese. Sem possuir nada, no meio dos pobres e para servir os pobres e evangelizar, ela iniciou sua nova vida religiosa, junto com duas Irmãs que com ela formaram a comunidade. Naquela pequena casa, hoje chamada Casa da Memória, Dom Geraldo e Madre Leônia acolheram o projeto de Deus e, movidos pelo Espírito Santo, fundaram, em 19 de março de 1958, a congregação das Missionárias de Santo Antônio Maria Claret, que nasceu quase junto com o Vaticano II, para a glória de Deus, a santidade dos seus membros e colaborar na missão evangelizadora da Igreja.

A Serva de Deus madre Leônia governou a Congregação de 1958 a 1980, expandindo-a pelo Brasil e nos cinco continentes. Formou as filhas no carisma missionário da congregação, que tem como titular e inspirador Santo Antonio Maria Claret. Abriu quase cem casas, para servir os pobres e anunciar o Evangelho em comunhão com a Igreja. Onde seus pés não tocaram, como na Oceania e na Índia, lá esteve com sua oração, com seu desejo e com suas filhas missionárias.

A sua maternidade espiritual fez dela a peregrina do amor, a mulher do advento que porta dentro de si Jesus missionário do Pai e redentor da humanidade; da Páscoa que fez dela testemunha da ressurreição; e do Pentecostes, que liberta, consola, promove o ser humano e gera no Espírito uma nova vida, a comunhão, o amor, a compaixão pelos irmãos, na bondade e na alegria, fiéis ao discipulado de Jesus. Não é por acaso que para ela santidade é amor. Amor que se traduz em gestos concretos, em vida doada com disponibilidade e generosidade a Deus e aos irmãos, como filhas e sentem com a Igreja o drama da humanidade. Manteve na sua vida profunda e intensa espiritualidade eucarística e mariana, o amor aos pobres e à Igreja. Para ela é preciso contemplar Jesus na Eucaristia para vê-lo no rosto do irmão necessitado e servi-lo na missão.

No dia 22 de julho de 1980, estava com as malas prontas para visitar as filhas na Austrália, na Europa, na África e, se possível, a futura obra em Karnaka, na Índia. Um acidente automobilístico na BR 369, próximo à cidade de Cambé - PR, ceifou a sua vida, mas não a sua missão. Como disse um sacerdote amigo e devoto de madre Leônia, “Onde o anjo sacrificador poderia encontrá-la senão a caminho?”. Ela antecedeu o pedido do papa Francisco para que sejamos uma Igreja em saída.

Diante do seu féretro e sofrendo a sua perda junto com as filhas, Dom Geraldo a invocou como a santa Mãe que do céu pode fazer ainda mais pela Igreja e a Congregação. Pediu que fosse cantado o magnificat, para render graças a Deus pela sua vida e missão santa, e na missa de sétimo dia, ensinou-nos a contemplar as bem-aventuranças tendo como exemplo a vida de madre Leônia.

Para ela trabalhar pelas vocações significava levar sangue ao coração da Igreja. Ensinou também que a evangelização pode ser feita em todos os continentes com Maria. É com ela que se deve estar junto do povo, percorrer as estradas, as cidades e casas e levar a todos a palavra de esperança, de vida, de amor. Uma misteriosa solidariedade nos liga mais fortemente que os laços da carne, com mais abrangência que a

Pátria. Uma solidariedade que nos toca a profundidade da alma. Os meus atos, afirmava ela, as minhas orações não terminam em mim, atingem os outros, todos.

E sua missão não terminou com a sua páscoa definitiva para a casa do Pai. Do céu continuou sua missão de intercessora e amiga daqueles que precisam de graças espirituais, morais, físicas e materiais. O santo não condiciona o poder de Deus, mas é instrumento do seu amor e da sua misericórdia e ternura para com o homem. Diante de tantos relatos de graças e pessoas que acreditam na sua santidade, a congregação e a Arquidiocese de Londrina pediram a introdução da sua causa de canonização.

O Processo de canonização de Madre Leônia

Foi introduzido na arquidiocese de Londrina em março de 1998, mas o processo propriamente dito iniciou-se no dia 11 de setembro, com a nomeação do Tribunal Eclesiástico e as comissões histórica e dos teólogos censores. A fase diocesana foi intensa e realizada com calma, seriedade e objetividade. Foram ouvidas mais de sessenta testemunhas de visu, e a transparência do processo, que se concluiu em 19 de outubro de 2003, permitiu que a Congregação dos Santos, não somente acolhesse todo o material para ser estudado em 27 de outubro e iniciasse a fase romana, como lhe concedeu o voto afirmativo por ter sido realizado segundo as orientações da Igreja.

Os trabalhos propriamente ditos da fase romana, com o estudo sistemático dos quarenta e dois volumes do processo documental da Serva de Deus, teve início somente em 2005, quando a postuladora foi enviada para Roma. Estava caminhando com rapidez, mas em 2010 morreu o Relator e houve mudanças metodológicas na construção da Positio. Esse fato teve como consequência o reinício do Summarium, mais condensado que no passado, da biografia documentada e da Informatio, o estudo das virtudes heroicas praticadas por madre Leônia.

A postulação tem como previsão concluir o estudo da causa e entregar a Positio à Congregação dos Santos em 2018, para iniciar em seguida o estudo de um possível milagre, ainda não reconhecido pela Igreja. O item do processo caminha segundo as possibilidades da postulação, que tem consciência do seu valor histórico também para a Congregação, que, com a graça de Deus, conta com as primeiras Irmãs que conheceram madre Leônia e um grande número de Irmãs que são testemunhas

oculares. O tempo parece estar plenamente maduro para acolher com alegria o reconhecimento da Igreja de sua vida santa e intercessão.

A causa de canonização de madre Leônia ajuda cada filha a pensar também no seu processo de santidade quotidiana, a viver a mística missionária sendo ativa na contemplação e contemplativa na ação; a caminhar com a Igreja, para o alto e para frente. Muita gente tem recorrido à intercessão da Serva de Deus. O seu túmulo, no presbitério do Santuário Eucarístico e Mariano em Londrina PR, é local de peregrinação, e não menos importante é o local onde ela faleceu, em que foi construída a capela Nossa Senhora do caminho, que, por escolha de várias comunidades, é a sede das redes de comunidades madre Leônia.

O seu sangue derramado e a sua vida doada, feitos memória na capela Nossa Senhora do caminho, estabelecem um vínculo indissolúvel com o Santuário Eucarístico, onde Jesus na Eucaristia doa o seu corpo e sangue para a vida do mundo. Bem-aventurada Serva de Deus madre Leônia, que amou, serviu e testemunhou a santidade de Deus, de braços abertos, na bondade e na alegria.

Prece de intercessão à Serva de Deus Madre Leônia Milito

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, nós vos agradecemos pela vida de Madre Leônia. Nós vos louvamos pela sua disponibilidade em cumprir a vossa vontade, seguindo Jesus Missionário e Redentor. Nós vos bendizemos pelo seu amor dedicado à Igreja, anunciando o Evangelho e servindo os irmãos e irmãs, principalmente os mais pobres.

Suplicamo-vos, ó Pai, a graça de amar e servir os pobres e a missão evangelizadora da Igreja. Que a Eucaristia e o Imaculado Coração de Maria nos ajudem a sermos fiéis ao seu projeto divino, vivendo o ideal de amor e santidade, a que somos chamados pelo batismo.

Concedei-nos, ó Pai misericordioso, a glorificação de Madre Leônia, aqui na terra, para incentivo nosso e de toda a santa Igreja. Por intercessão dela, vos pedimos a graça... Por Cristo Nosso Senhor, Amém.

Imprimatur † Dom Albano Cavallin

Londrina, 2 de fevereiro de 1998

A ITINERÂNCIA NO PROJETO INTERCONGREGACIONAL PAN-AMAZÔNICO - ISLANDIA, PERU

IRMÃ ZÉLIA GOMES, MJC¹

Quando criamos este projeto Pan-Amazônico, consideramos partir do princípio de que a dimensão itinerante teria um lugar primordial. Primeiro, porque na Amazônia essa é a forma mais efetiva de ser Igreja inculturada, por sua própria dimensão geográfica e diversidade cultural, exigindo uma presença adequada em cada povo ou comunidade, atendendo cada comunidade de forma objetiva e única. Segundo, porque, sendo um projeto Pan-Amazônico e estando presente em diversos países, fazia-se necessária essa dimensão itinerante no projeto. Ele foi criado para itinerar pelos nove países amazônicos. Assim se entende que há a dimensão itinerante na forma de fazer a missão e na do próprio projeto, que pretende não estabilizar-se por muito tempo em um só país.

A princípio, tínhamos uma ideia de Itinerância a partir do gesto muito lógico: sair, navegar, visitar as comunidades ribeirinhas. Porém, depois de um ano nesta realidade concreta em que estamos, damos conta de alguns outros elementos também definem a Itinerância deste projeto particular.

Primeiramente, tem a ver não somente com a atitude de sair, mas é sobretudo uma postura de vida. Para que haja uma Igreja em saída,

1 E-mail: ailezgo@hotmail.com

é preciso que haja pessoas itinerantes em seu ser. Que sejam pessoas convencidas e dispostas a assumir tudo o que implica deixar sua zona de conforto. Não é de cima para baixo, é de dentro para fora. O/a itinerante sente o chamado a sair e o faz muito naturalmente. Não é algo de razão ou consciência, é o sentir em seu interior o impulso a deixar tudo e ir ao encontro dos/as que estão mais distantes. Sente-se incompleto/a e vazio/a quando as circunstâncias o/a impede de ir. E vocês podem se perguntar: como sei se tenho a Itinerância intrínseca em mim? E eu lhes diria que há várias formas de saber, porém a mais efetiva é itinerando; assim saberão como se sentem.

Depois vem a parte que, talvez todos/as saibamos, são as dificuldades próprias de sair. As surpresas do rio com suas aventuras e perigos. Suas distâncias desgastantes para chegar às comunidades ribeirinhas e indígenas. Encontrar-nos com as carências básicas de água potável, banheiros e posto de saúde... é um alto custo que implica uma missão itinerante, em comparação com uma missão localizada. O desgaste físico da pessoa itinerante e sua constante exposição ao frio e calor, chuva, fome e sede. Comer a comida do povo e tomar sua água, esperando com paciência que o organismo se adapte. Essa pode ser a parte mais difícil da Itinerância para algumas pessoas, porém não para todas.

Também destaco um outro elemento de nossa Itinerância, que é a de sair do centro e ir à periferia, como são as comunidades. Centro X Periferia. Cada vez que saímos, deixamos para atrás os grupos seguros e os fiéis do centro, deixamos os católicos, que, por mais que sejam poucos onde estamos, nos dão a segurança de que estamos entre os “nossos”; também deixamos para trás a estrutura pastoral de manutenção e nos lançamos às novidades do que está além do rio; na periferia nos encontramos com a dolorosa e assustadora ausência da Igreja católica e seus membros. Na periferia estão os que ansiavam por nos ver como representantes da Igreja, porém também as pessoas que não se abrem para receber o que temos a lhes oferecer. Existe uma ausência total de expressão comunitária de vida eclesial... é como buscar a fé sob cinzas, e nosso trabalho tem sido soprar para descobrir as brasas que ainda queimam. Isso move a estabilidade e a segurança da pessoa itinerante. Não imaginávamos o que íamos encontrar em nossas itinerâncias, porém definimos que são somente conseqüências de quem decide sair.

Uma outra dimensão de nossa Itinerância em particular é que, ao sair de Islandia, pisamos terra... em sentido literal, pois vivemos acima de três metros de altura sobre colunas e pontes de cimento. Quando cresce

o rio, vivemos sobre a água. Porém, também no sentido metafórico, já que, chegando às comunidades, nos encontramos com a realidade de forma muito mais crua, transparente, com todos os seus desafios. No centro está tudo muito escondido, não se consegue ultrapassar as barreiras das pontes, ou pelo menos por enquanto não conseguimos com um ano nesta realidade.

Cada família vive seus próprios dramas. Nas comunidades ficamos sabendo de muitas coisas: brigas entre vizinhos, abusos e desrespeito por parte de autoridades, professores, pais... entramos em contato com todo negócio de plantio e tráfico de drogas; damos conta da pobreza religiosa e o domínio de algumas religiões sobre o povo; da carência de serviços básicos, pois sofremos na pele quando pisamos a terra das comunidades. “Pisar terra” é um convite do papa Francisco, quando deseja uma “Igreja em saída”, “acidentada por ir ao encontro das pessoas nas periferias”.

Depois de um ano de Itinerância, todas, e também o Pe. César, estamos convencidas de que é a forma mais provável de construir uma Igreja inculturada com rosto amazônico.

A DIVERSIDADE DE CORES NA INTERCONGREGACIONALIDADE

IR. ZÉLIA GOMES, MJC¹

Muita gente se pergunta como pode dar certo viverem vários carismas Congregacionais juntos! O imaginário é diverso; uns se perguntam: como podem rezar juntas se há espiritualidades diferentes? Pois bem, comparo a vivência da intercongregacionalidade a um pano multicolorido, onde cada cor tem brilho próprio, cumpre a função própria de sua cor, porém juntas formam um único pano colorido, lindo e funcional.

Na intercongregacionalidade é assim, cada carisma é como uma cor, firme e vivo que, junto com os demais carismas, constroem a comunidade, a vida de oração e a missão. Nenhum carisma perde sua cor somente por estar junto com outros carismas; pelo contrário, é na convivência com outros carismas que se destaca, que se visualiza o inerente de cada carisma. É na diversidade das cores-carismas que se constrói esta experiência. O que nos reúne não são as nossas diferenças estruturais, o que nos une é o que temos em comum: a missão, o Reino, os pobres e sobretudo o Projeto de Jesus Cristo.

Assim como as cores no pano estão juntas e uma com a outra formam um conjunto igualmente importante, na intercongregacionalidade temos de ter a mente muito aberta para acolher a riqueza que traz cada carisma e respeitar, a ponto de sentir que todos os carismas são nossos, é de todos e todas, para o povo.

1 E-mail: ailezgo@hotmail.com

As pessoas daltônicas somente conseguem ver as cores primárias, e isso lhes dá uma visão parcial do colorido que existe no mundo. A intercongregacionalidade é como um convite a fazer a experiência de deixar o daltonismo (vendo somente um único carisma, o próprio) e passar a olhar as diversas cores (outros carismas) como criados por Deus para nos complementar na grande missão de fazer possível o Reino de Deus.

Às vezes, temos dificuldades nas relações e facilmente queremos justificá-las a partir dos carismas; seria o pior erro, pois estaríamos desvirtuando as causas reais e pondo em dúvida a riqueza que é viver com a diversidade.

Eu gosto de ver a intercongregacionalidade como cores, pois nos dão a garantia de que, mesmo as cores opacas, claras, sombrias, possuem sua contribuição no conjunto do tecido da vida e da missão.

AS ENTRELINHAS DA INTERCONGREGACIONALIDADE E MISSÃO AD GENTES

COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL DE SALAWE
DIOCESE DE PEMBA – MOÇAMBIQUE - ÁFRICA

Tecida de palhas de palmeira, a esteira é um objeto muito utilizado pelos africanos, torna-se o “chão” da sua vida. A esteira é parecida com a experiência que vivenciamos aqui. Nossa vida é tecida com os dons e a identidade de cada uma de nós. Entrelaçada com os fios da Espiritualidade e do Carisma das nossas Congregações. Costurada com a mística, o diálogo e o testemunho, fundamentados na Palavra de Deus que nutre a nossa vida, proporcionam esperança e luz na comunidade que faz refletir os matizes do colorido do povo moçambicano.

O convite de Jesus “vamos para a outra margem” (Mc 4,35) sempre foi um atrativo, um desejo, um sonho para todas nós. Ir além, atravessar fronteiras, alargar os horizontes, conhecer outros povos, outra cultura, viver uma experiência concreta de missão numa outra realidade, era sonho, mas também desafio.

O plano de Deus encontra motivos para acontecer e se tornar real. Para todas nós, houve o convite de Deus, o clamor do pastor da Diocese de Pemba através da CRB e também das nossas Congregações, que estavam sintonizadas com o veemente apelo do papa Francisco para uma

Igreja em saída. Assim, foi possível dar passos em direção à missão ad gentes, em Silva Macua, Província de Cabo Delgado, em Moçambique, África, numa Comunidade Intercongregacional, como Projeto da CRB Nacional em parceria com a Diocese de Pemba e nossas Congregações.

Somos quatro Irmãs, provenientes de quatro diferentes Congregações religiosas: Irmã Francisca Maia, Congregação do Imaculado Coração de Maria; Irmã Neuza Bernardo, Congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência; Irmã Telma Silva de Oliveira, Congregação das Irmãs da Purificação de Maria Santíssima; Irmã Ana da Glória Alves Rolin, Congregação das Irmãs Franciscanas Penitentes Recoletinas.

Chegamos aqui em Moçambique no dia 02 de setembro de 2016, depois de ficarmos dois meses em Brasília para nos conhecer mutuamente e nos preparar para a grande aventura missionária. Chegamos ansiosas para conhecer, para saber como seria a nossa vida juntas neste barco, por um período de três anos, onde haveríamos de armar nossa tenda. Tudo parecia mistério, caminho aberto, envio, novidade, espanto e encanto. Nosso objetivo era proclamar o Reino de Deus em terras africanas.

Irmã Maria Inês, Presidente da CRB, veio conosco como irmã, como companheira mais experiente indicando o caminho e orientando os primeiros passos. Para começar a sessão dos desafios, a nossa casa ainda não estava pronta. Permanecemos alguns dias na companhia alegre e fraterna das Irmãs Pastorelas (também conhecidas como Irmãs Pastorinhas) em Pemba (Capital da Província de Cabo Delgado). Depois, por um período que foi se prolongando até seis meses, ficamos com as Irmãs Filhas de Jesus, que abriram sua casa e seus corações para nos acolher neste período. A elas, o nosso agradecimento. Foi um tempo de amplo aprendizado, tanto do espaço quanto da vida. Lá, demos os primeiros passos nas visitas às comunidades junto com os padres Passionistas, que também nos acolheram muito bem na paróquia. Ajudávamos no Centro de Saúde Alternativa das Irmãs e também na Escola Primária.

Aos poucos, fomos entrando no jardim do povo africano. Percebemos a riqueza da sua cultura, que se caracteriza principalmente pelo contato com a natureza, supremacia do bem comum face ao interesse individual, expressão oral, sentido profundo do sagrado. É uma cultura superinteressante, de existência milenar e de vasta diversidade. Com relação à globalização, há um atraso econômico muito grande, que coloca a África como o Continente mais pobre do mundo. Atualmente, há muitas religiões presentes, com destaque para o Islamismo e Catolicismo.

Contextualizando

Estamos em Moçambique, país com 801.590km², população estimada em 2017 de 28.861.863. A população moçambicana é composta de numerosas etnias provindas do tronco bantu: macua, tsonga, malawi, shone, swahili, gao e maconde. Cerca de 70% da população vive e trabalha em áreas rurais. O IDH é muito baixo. Os grandes problemas do país concentram-se no vírus HIV, na malária, no analfabetismo e na precária formação dos professores. As condições socioeconômicas em Moçambique ainda desafiam os espaços de desenvolvimento, pois a pobreza continua severa, em grande escala, concentrada nas zonas rurais, principalmente no centro, norte e litoral do país.

O outro lado da medalha é que Moçambique é um país com imensos recursos naturais: desde o excelente solo aos grandes rios, que são muito bons tanto para a agricultura como para a energia hidroelétrica, as extensas reservas de gás natural e minerais, como o carvão e o ferro, pedras preciosas, etc. Para além destes recursos, Moçambique conta também com uma enorme linha costeira muito linda, rica em peixes e crustáceos. A agricultura é, atualmente a atividade econômica de maior importância para o país. Mas, apenas uma pequena parte é utilizada para este fim. Outra grande riqueza em Moçambique é a flora e a fauna. Possui uma costa oceânica espetacular. Mas de todas estas riquezas nem todos podem participar.

A pobreza campeia a céu aberto. Apesar das constantes descobertas de recursos naturais e da riqueza, Moçambique continua a ser um país somente de potencialidade, tendo, por conseguinte, um enorme desafio para se transformar num país de oportunidades, pois a pobreza da grande maioria da população encobre as riquezas naturais. É um povo alegre, hospitaleiro e resistente. A Província de Cabo Delgado, onde residimos, é a segunda mais pobre do país.

O processo de inculturação é lento e gradativo. Uma das grandes dificuldades que enfrentamos é aprender a falar a língua do povo. Em nosso caso, a língua macua, que é falada pela maioria dos habitantes desta região. De maneira geral, as mulheres não conhecem o português, língua oficial do país.

Para nos comunicar com elas é preciso ter um/a nativo/a para traduzir. Sentimos a necessidade de conhecer as expressões mais significativas da cultura deste povo, a fim de que possamos descobrir os seus valores, compreender e promover ações humanitárias e a evangelização. A paciência é um valor fundamental numa experiência deste tipo.

Uma alegria muito grande foi chegar à nossa casa. Isso aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2017. A nossa casa localiza-se no coração da aldeia e vive rodeada de crianças. Quando viemos, Dom Luís já havia indicado os campos e as prioridades dos trabalhos que haveríamos de assumir, além daqueles que vão brotando da realidade à medida que vamos conhecendo e percebendo ao pisar o chão a que fomos destinadas nesta missão tão bonita e tão desafiadora.

Desenvolvemos várias atividades pastorais e sociais. Entre elas, o trabalho com as mulheres e Minas. Há um longo processo para acontecer a emancipação e o empoderamento da mulher neste país. Nosso trabalho é na linha da promoção da igualdade de gênero tanto na Igreja quanto na sociedade. Acompanhamos os grupos já existentes, formamos novos grupos na busca de troca de experiências, redescoberta dos próprios valores, desenvolvimento de autoestima, de sustentabilidade, de cidadania.

Aprenderás e brilharás – Educar uma mulher é educar uma nação

Estar junto às mulheres moçambicanas é sentir a alegria de descobri-las como promotoras da vida, é sentir a força do Cristo ressuscitado que caminha com seu povo, solidarizando-se de suas dores, opressões e lutas.

Viver esse processo implica necessariamente Kenosis, despojamento, despir-se de saberes e certezas construídas ao longo de nossa existência, ir até onde se fizer necessário para encontrar aquelas/es a quem buscamos servir e amar.

Em Moçambique quase metade da população é analfabeta, mais de oito milhões de pessoas não sabem ler, escrever e fazer cálculo, dos quais cinco milhões são adolescentes e jovens de 15 a 19 anos de idade, e outros três milhões são idosos, principalmente as mulheres.

A Província de Cabo Delgado, Norte do país, onde está a Diocese de Pemba, lidera a taxa de analfabetismo com 66,6 % e este índice sobe ainda mais quando se trata das mulheres, com a elevada taxa de 80,9 %, segundo dados da direção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos. A causa para a elevada taxa de analfabetismo entre as mulheres está nos trabalhos domésticos (machambas ou roças), busca de água, lenha, cozinha, cuidado dos filhos, etc. Como também a proibição dos maridos, que deixam suas mulheres irem aos centros de alfabetização.

Diante desta sofrida realidade, ouvimos de muitas mulheres que elas estão nas sombras, pois se sentem excluídas na sociedade. Foi a partir deste grito que nasceu o Projeto de Alfabetização de Mulheres, em setembro de 2017, inicialmente com duas turmas, e hoje temos três turmas, em duas comunidades, com cento e quarenta e nove mulheres. Temos atividades de estudos diários da língua portuguesa, oficinas de microempreendedorismo – dar oportunidade de desenvolver habilidades para gerir pequenos negócios como: produzir e vender pão, bolos, produtos da machambas, etc; oficinas com temas que auxiliam no processo cognitivo e na consciência crítica da realidade; roda de conversas sobre a vida cotidiana das mulheres – luzes, sombras e desafios; encontros mensais com profissionais da saúde, em que são abordados diversos temas relevantes em suas vidas: planejamento familiar, SIDA – AIDS, DSTs, empoderamento da mulher moçambicana, autoestima e outros.

Estamos em busca de caminhos para uma alfabetização que proporcione habilidades para melhor integrá-las na sociedade, onde sejam protagonistas de sua história, buscando superar os desafios: trabalhos domésticos, submissão ao marido, resistência em aprender o português (língua do colonizador), desistências, distância geográfica e falta de recursos financeiros para ampliar o projeto nas 52 comunidades – estamos em busca de parcerias com pessoas e entidades que queiram solidarizar-se com a causa da educação das mulheres moçambicanas. Assim nos fala o escritor Moçambicano: “A escola é um meio para querermos o que não temos. A força para superarmos nossa condição histórica também reside dentro de nós. Saberemos, como já soubemos antes, reconquistar a certeza de que somos produtores de nosso destino. Teremos mais e mais orgulho de sermos quem somos: Moçambicanas/os construtoras/es de um tempo e de um lugar onde nascemos todos os dias – Mia Conto – oração de sapiência no ISCTEM, Maputo 2006”.

Empoderamento da Mulher com HIV/SIDA

Este trabalho em parceria com a Cáritas Diocesana tem como objetivo resgatar dentro de cada mulher o encantamento pela vida através da busca da autoestima, sua independência e a conscientização da própria doença para o equilíbrio socioemocional. É um grupo de aproximadamente 60 mulheres habitantes da cidade e arredores de Pemba.

Outra atividade pastoral que desenvolvemos a pedido de Dom Luís Fernando é a assistência às Minas de ouro, granada, pedras preciosas e semipreciosas que estão localizadas no âmbito da nossa paróquia de Cristo Rei de Metoro.

Como já foi mencionado anteriormente, Moçambique tem grandes riquezas em seu subsolo. Porém, a exploração mineira provoca impactos sociais, econômicos e ambientais trazendo sérias consequências para o meio ambiente e principalmente para as pessoas que aventuram suas vidas na busca de sobrevivência, de riqueza e de sorte e também para as aldeias circunvizinhas.

Algumas minas se tornam verdadeiro aglomerado humano com pessoas oriundas de várias regiões e países. Esta concentração humana quase caótica, representando diferentes culturas e hábitos, acaba por induzir algumas mudanças sociais, econômicas e culturais na localidade. Alguns camponeses perdem as suas machambas (lavouras), sem qualquer indenização ou compensação, tendo ficado sem acesso às terras, o que coloca em risco a segurança alimentar. Algumas mulheres veem-se obrigadas a participar em atividades complementares ao garimpo, como venda de água e preparação de alimentos.

Entre as várias consequências imediatas do desenvolvimento da atividade extrativa destaca-se a vulnerabilidade da população aos efeitos da aglomeração numerosa de homens solteiros; dessa forma, acontece a rápida degradação das condições sociais de vida. Grande número de mulheres, jovens e adolescentes na prostituição. Muitos desses jovens e adolescentes e até crianças deixam de frequentar a escola aumentando assim o índice de analfabetismo no país. Jovens entre 14 e 16 anos são aliciadas por emigrantes que poucos anos depois as abandonam deixando-as sem sustento e com filhos menores. Outro problema decorrente da exploração mineira desorganizada no meio de altos índices de pobreza tem resultado em frequentes casos de separações e divórcios entre casais locais. Constata-se nessas minas a ausência de programas estruturais de responsabilidade social ou mesmo de saneamento básico. Há problemas de consumo de bebidas alcóolicas, violência policial e conflitos entre os próprios garimpeiros.

Podemos concluir dizendo que geralmente a extração de recursos minerais acontece de forma ilegal na Província de Cabo Delgado trazendo várias consequências para o povo da região, tais como: devas-

tação da natureza, problemas de saúde, predominância da cultura do individualismo, como se diz na gíria popular “salve-se quem puder”, desvalorização da vida humana colocando o dinheiro acima dela.

Nossa presença nas minas tem o intuito de ajudar na humanização desta atividade tão perigosa, através de visitas, conscientização e ações humanitárias, a fim de promover o bem-estar social das pessoas e comunidades, assim como a interação cultural pela tentativa de unir diferentes povos. Procuramos também fortalecer a fé dos cristãos que estão perdidos naquele meio com tantas denominações religiosas.

É um trabalho desafiador por ser uma atividade um tanto desconhecida para nós. Além dos riscos que corremos, há o difícil acesso a estes locais, não há estrada em muitas destas minas. Outro problema é a língua, há diversas pessoas com linguagens diferentes. Muitas vezes, sentimos a perplexidade diante de tantas desumanidades, como também a exploração do trabalho infantil. São vidas roubadas, pois lhes negam o direito da infância, da cidadania, do aprender a ler e a escrever e de ter uma vida e um futuro feliz. Voltamos de lá com o coração partido por ver tanta coisa e não poder fazer quase nada.

Somos bem acolhidas pelos garimpeiros, há sempre o interesse de ouvir a Palavra de Deus e de conversar conosco. Há um jovem nativo, que já foi garimpeiro, também ex-seminarista, que nos acompanha e que faz as traduções. Assim, vamos tecendo a cultura do encontro com o diferente.

Pastoral da Criança

“Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Moçambique tem os mais altos níveis de desnutrição crônica. De acordo com o relatório de pobreza infantil e disparidade em Moçambique, a mais alta taxa registra-se na Província de Cabo Delgado, com 59% de crianças que enfrentam este problema. Um estudo do programa alimentar mundial indica que 26% dos casos de mortalidade infantil estão associados à desnutrição.

Diante desta realidade de fome de nosso povo moçambicano, na Diocese de Pemba – Cabo Delgado, nosso bispo Dom Luiz Fernando Lisboa solicitou o trabalho da Pastoral da Criança, que busca salvar vidas através das ações básicas de acompanhamento às gestantes e crianças menores

de seis anos. Combater a mortalidade infantil é um grande desafio, pois, além da desnutrição, também temos a SIDA – AIDS, que mata muitas de nossas mães e crianças, e a malária, que é uma doença típica da África.

Implantamos a Pastoral da Criança na Paróquia de Metro- Cristo Rei, em três comunidades com dez líderes voluntários e atendemos 120 crianças e 30 gestantes. Este número ainda é bem pequeno, sonhamos ampliar para toda a paróquia e Diocese, mas estamos buscando parcerias para desenvolver nosso trabalho de promoção da vida de nossas gestantes e crianças. Produzimos a multimistura, sopas e papinhas enriquecidas de acordo com alimentos próprios de nossa província. Que Maria, a defensora da vida, nos fortaleça na luta pela vida em abundância.

Projeto Vida

É um projeto de nutrição para aqueles e aquelas que estão abaixo do peso ou sofrem de desnutrição, e tem também como prioridade trabalhar a socialização entre as mães e crianças.

Infância e adolescência missionária

Esta atividade juntamente com as crianças e adolescentes na comunidade nasceu com o objetivo de trabalhar a animação e formação missionária das crianças. É um trabalho de promoção dos participantes para o protagonismo futuramente da própria comunidade eclesial.

Escolinha de Salawe

A Escolinha de Educação Infantil de Salawe atende até 120 crianças de 3 a 5 anos. É uma escolinha comunitária em parceria com a Cáritas Diocesana.

Os objetivos do trabalho são:

- socialização e incentivo às crianças a participarem deste projeto;
- preparação das crianças para o próximo passo (escola primária);
- conscientização junto às famílias para a importância dos estudos das crianças.

Projeto Aprender para Crescer (Reforço Escolar)

Moçambique possui um número gritante de crianças e adolescentes que não sabem ler nem escrever. Ao deparar com esta realidade na aldeia em que residimos, tivemos a ideia de criar um Projeto com o nome ‘Aprender para Crescer’ para ajudar crianças e adolescentes que não têm condições financeiras e que nunca estudaram. A grande maioria dessas crianças é de famílias numerosas sem condições de colocar todos os filhos na escola regular. Outros são órfãos que moram com os tios ou avós que já sofrem por falta de condições para sustentar a família.

Esse projeto contempla aproximadamente 50 crianças, os pequenos de 04 a 07 anos estudam no projeto no período da manhã e os adolescentes à tarde.

Nosso objetivo é ensinar a ler, escrever, fazer cálculos para assim ajudá-los a redescobrir o amor e a alegria em saber ler e escrever. A serem pessoas capazes de sonhar por um país que tenha mais cuidado com o desenvolvimento do seu povo.

A experiência está sendo gratificante. As crianças estão frequentes, interessadas, interagindo bem. Só não podemos acolher mais crianças porque o ambiente é pequeno e não temos outro espaço disponível.

Concluindo

A esteira que estamos “tecendo” nestes anos de missão ad gentes é feita das simples e pequenas coisas do dia a dia: da convivência fraterna; dos trabalhos domésticos; da oração pessoal e comunitária como encontro com Deus e com a realidade; do encontro e acolhida do povo; da comunhão entre a equipe de missionários e com a Igreja local.

Nosso desejo é que esta “esteira” sirva também de “chão” para aquelas que virão depois para darem continuidade a este Projeto de Igreja em saída, de itinerância missionária de uma Igreja pobre, para os pobres a serviço do Reino.

CINQUENTA ANOS DO DOCUMENTO DE MEDELLÍN

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

A “opção preferencial pelos pobres” constitui uma espécie de eixo central ou fio condutor dos documentos publicados pelas assembleias do episcopado da América Latina e Caribe. Mas esse eixo central ganha energia transformadora sobretudo a partir do Documento de Medellín, o qual, por sua vez, significava uma atualização neste continente das intuições e avanços do Concílio Vaticano II. Enquanto o Concílio procurava sacudir a poeira da Igreja como um todo, abrindo-se às novidades do mundo moderno, Medellín propunha-se vencer o torpor dos povos latino-americanos e caribenhos sob a pobreza, a injustiça e a opressão das ditaduras militares. A opressão e a fome não podiam esperar.

Além de inspirar-se nos textos do Concílio, de alguma forma Medellín retrata também o clima de revolução cultural dos anos 1960, com destaque justamente para o ano de 68. Ocupando as universidades dos Estados Unidos, as ruas de Paris e de outras cidades, com a música engajada de Liverpool, na Inglaterra ou da MPB, no Brasil, combatendo o racismo ao lado de Martin Luther King – os jovens viraram a mesa, exigiam mudanças, ao mesmo tempo que abriam novas encruzilhadas nos destinos da história. Não sem razão, no mesmo ano de 68 ocorre o assassinato do líder negro nos USA e o Ato Institucional nº 5 (AI5) no Brasil.

Voltando a Medellín, o documento tinha como título “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Algumas expressões do texto são emblemáticas de um profetismo e de um engajamento sociopastoral e político que em todo continente se fazia cada vez mais forte e vigoroso: “Injustiça que clama aos céus” (Cap. 1, n. 1); “frustrações crescentes” (cap. 1, n. 4); “situação de injustiça que pode ser chamada de violência institucionalizada” (cap. 2, n. 15); “um surdo clamor brota de milhões de homens” (cap. 14, n. 2): “vigência de estruturas inadequadas e injustas” (cap. 15, n. 1); “a miséria que marginaliza grandes grupos humanos” (cap. 1, n. 1). Diante de tudo isso, os bispos ressaltam a necessidade de “levar a cabo uma autêntica e urgente reforma das estruturas e da política agrária” (cap. 2, n. 8).

Não será exagero afirmar que o tempero dessas expressões vem, ao mesmo tempo, do chão e do alto. No chão de muitos países, combate-se a opressão de regimes militares que tentam silenciar a voz dos pobres, marginalizados e indefesos. A riqueza e a renda concentram-se cada vez mais em poucas e poderosas mãos. No lado oposto, concentram-se igualmente a pobreza e a exclusão social. Por toda parte, o povo se mexe, levanta a cabeça, faz ouvir sua voz: reunidos em milhares de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) espalhadas por vários países, os pobres buscam na Palavra de Deus uma luz em meio à escuridão. Enquanto as palavras bíblicas iluminam a realidade de pobreza e injustiça, essa mesma realidade interpela a Palavra de Deus, conferindo-lhe significados novos, ocultos e dinâmicos. Volta-se a uma releitura da libertação no Livro do Êxodo e da Boa Nova de Jesus nos relatos evangélicos.

Instala-se assim o chamado círculo hermenêutico: as páginas da Bíblia ensinam a ler com fé e esperança a situação concreta em que vivem pessoas; semelhante leitura leva a uma nova prática evangélica, marcada pelo desejo de mudar a realidade socioeconômica e político-cultural; essa prática, por sua vez, reflete-se em uma leitura mais enriquecida da Palavra de Deus; esta volta a iluminar a realidade e a necessidade de novas transformações... E assim por diante. CEBs e Teologia da Libertação (TdL) realizam um casamento feliz, onde teoria e práxis se interpelam, se complementam, se entrelaçam e se enriquecem reciprocamente.

Semelhante modo de agir e de refletir sobre a ação, por outro lado, reforça a “opção preferencial pelos pobres”. Volta-se com insistência à prática do profeta itinerante da Galileia. Tal eixo central ganha ampla cidadania nos demais documentos do episcopado latino-americano e caribenho: Puebla, em 1979; Santo Domingo, em 1992; Aparecida, em 2007.

PROFETISMO NA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA HOJE

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, IDP¹

Querida Irmã, querido Irmão!

Você já viu um profeta de verdade? Você já abraçou uma profetisa de verdade? Pense bem...

Se sua resposta for SIM, encontre a **palavra** que fundamenta, que caracteriza, que qualifica este sim relacionado a esta pessoa. Se sua resposta for não, encontre a palavra que fundamenta, que caracteriza, que qualifica seu **conceito** de profeta/profetiza, e que você ainda não identifica em alguém que já viu, já abraçou...

Nós vamos buscar, a partir deste momento, nos aproximar de alguns traços da Vida Religiosa Consagrada que, se vividos de forma **apai-xonada**, se tornam, se “convertem” para a Igreja e para o mundo, em PROFECIA. Ouçamos, desde este início, papa Francisco: “*A nota que caracteriza a Vida Consagrada é a profecia*”². Isso exige uma **buscaapai-**

1 Nome Religioso: Irmã Márian Ambrosio. Congregação das Irmãs da Divina Providência, idp. Natural de Anita Garibaldi, SC. Curso Superior em Pedagogia. Teologia Espiritual nas Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Representante da América Latina na Equipe Internacional da Formação da Congregação. Superiora Provincial, integrante da Diretoria da CRB do Paraná; Integrante da Diretoria da CRB Nacional; Integrante da Direção Geral da Congregação, Münster, Alemanha; Assessora da Comissão Episcopal para a Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da CNBB, Brasília; Presidente Nacional da CRB; atual Superiora Geral da Congregação.

Endereço atual: GENERALAT der SCHWESTERN von der GÖTTLICHEN VORSEHUNG. Neubrückenstrasse, 22. 48.143 – Münster, Deutschland

2 Papa Francisco, Lettera apostolica II,2

xonada que nos capacita a uma **mística de olhos abertos**. Com o *exercício coletivo de discernimento, saberemos encontrar e “criar lugares onde se vive a lógica evangélica do dom, do amor recíproco, da acolhida*³.”

Para todas as formas de vida, ressoa hoje o convite de habitar a história de modo adequado à própria vocação... “Seguir Cristo de modo profético é viver sua proximidade sem privilégios, espalhando luz à cidade humana, dando o sabor do sal à massa, inspirando-nos na simplicidade de seu viver na casa de Nazaré e de seu caminhar entre a gente da Palestina⁴.”

Passemos então a habitar nossa própria história, contemplemos nossa própria forma de vida – A Vida Religiosa Consagrada comprometida com sua marca específica: a profecia.

Espelhemo-nos em uma árvore frutífera... Por quê?

Porque somos vocacionadas a semear a esperança de vida aos descartados, a estender sombra acolhedora aos refugiados, a sustentar as aves do céu de quem roubamos o alimento, e muito mais... ou: como lemos no provocativo livrinho do profeta Jó: *“Pois até uma árvore tem esperança: mesmo que a cortem, tornará a brotar, e não faltarão os seus ramos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e morrer o seu tronco no pó, ao cheiro da água rebrotará e produzirá folhagem como planta nova”*⁵.

A silenciosa profecia das raízes.

Raízes não constroem, raízes **cavam**.

Ao **cavarem**, as raízes **traçam**, do seu jeito, **um caminho**.

Este **caminho traçado busca** incansavelmente a **água** que a fará produzir vida.

Esta **água** não foi criada pela raiz; ela pertence a uma **fonte profunda** ou à **chuva que vem do céu**.

As raízes habitam o escuro fecundo do Mistério!

Espelhemo-nos nas raízes de Jesus: 30 anos no escondimento de Nazaré, cavando a força espiritual com que profetizará através de seu estilo de

3 Papa Francisco, Lettera apostolica

4 Vita Consacrata in Comunione, incontro mondiale, Roma 2016

5 Jó 14,7-9

vida e do exercício da missão recebida de seu Pai, pelo Espírito Santo⁶. Jesus e seus tempos de deserto de silenciosas subidas à montanha. Jesus da solidão do Getsêmani superada somente pelo vínculo intenso com seu Pai, na entrega de sua vida ao Espírito.

Vida Religiosa Consagrada – quais são tuas, minhas, nossas raízes? Para mim, pessoalmente, é fácil reconhecer que estamos em crise de raízes. Porque nos ocupamos demais em resolver a questão de “dar um final feliz” a tantas coisas que construímos. Pode ser que nos esteja faltando tempo para cavar...

Ao habitarmos a nossa história, volta a brilhar a raiz primeira dentre todas: **A fé radical**: É de Rhaner a afirmação de que “cada época tem sua própria tarefa diante de Deus. A tarefa de hoje, é a de proclamar o ato de fé. Porque hoje não se trata desta ou daquela crença, deste ou daquele artigo sobre a fé, mas da FÉ EM SI MESMA, da **possibilidade de crer em Deus!**” Assumimos que Deus nos chama e nos quer como instrumentos para **significar** ao mundo que **Ele é e está**, que Ele cria, sustenta a vida, por ela se apaixona e luta, e que Ele deseja precisar de nós para despertar e cultivar no mundo a adesão explícita a esse ato de amor.

Essa é nossa tarefa maior! Não é tanto ou somente para falar ao mundo sobre isso, mas para SIGNIFICAR, convencer, persuadir, PROFETIZAR, seduzir o mundo para Deus. Voltemos a ouvir papa Francisco, atentas e atentos à função da raiz.

A nossa fé não é uma fé-laboratório, mas uma fé-caminho. Somos chamadas a caminhar na presença de Deus, como Abraão. Nossa fé deve ser uma fé missionária; partilhamos a fé somente quando nos sentimos em saída de nossos próprios territórios. Em saída, compreendemos a urgência que nos impele à alegria de anunciar Jesus Cristo⁸

Esse é nosso primeiro compromisso profético – o mundo precisa ver, tocar, experimentar em nós, **a Fé radical** – a proclamação dessa centralidade de Deus. A fé radical é o primeiro dos traços irrenunciáveis do seguimento de Jesus. A fé é o Dom, a Graça pela qual confiamos no Deus de Jesus, para além de toda noite escura e de todo o aparente fracasso. A fé está na raiz, a fé nos faz prosseguir! Lembramos que a palavra **radical** vem do latim radix = raiz!

Diretamente vinculadas à profecia da raiz, estão:

6 Lc 4, 18-21

7 Cf. Rahner, im Heute glauben, Artikel 1965

8 Papa Francisco - pensamentos extraídos do livro: dal chiodo alla chiave, 2017, páginas 15ss.

Testemunho vivo do Carisma Fundacional.

A profissão pública dos votos religiosos, a opção pelos pobres, o silêncio de nossas dores cotidianas.

O martírio de irmãs e irmãos (religiosos ou não) em missão junto às mais diferentes fronteiras, desertos e periferias de hoje.

A alegria espelhada no silencioso sorriso que gera esperança.

(Fazer um minuto de contemplação sobre a silenciosa profecia das raízes.)

A audácia profética do tronco

O tronco tem seu **nascimento** exatamente no momento em que nasce a **primeira raiz** de uma árvore.

Todas as raízes buscam se manter **ligadas ao tronco**; uma raiz cortada, separada do tronco, ou morre ou dá origem a “outra” forma...

O tronco se **abre**, se **multiplica** à medida que cresce e amadurece. Ele se organiza (se planeja), avança, para acolher folhas, flores e garantir frutos.

Espelhemo-nos no tronco da vida de Jesus: sua absoluta pertença à comunidade formada por seu Pai, Ele mesmo, e o Espírito Santo. A esta certeza fundamental da vida de Jesus e da Vida Religiosa em Comunidade de fé, damos o nome de **comunhão!** É certo que hoje, como nunca, tanto a Igreja quanto a humanidade, e também toda a criação, precisam e exigem de nós esta profecia: **nossa vida em comunidade de fé.**

Pessoalmente, eu me senti muito tocada pela contemplação de alguns princípios apontados pela árvore:

raiz e tronco nascem e se desenvolvem somente se o fizerem ao mesmo tempo. Na Vida Religiosa Consagrada não existem raízes **felizes enquanto não gerarem um tronco saudável...** Todas as raízes buscam essa meta. **O tronco precisa da água trazida por todas as raízes,** mesmo que alguma contribua bem pouco, por alguma razão que nem sempre compreendemos.

A **firmeza de um tronco** não depende dele mesmo, ele depende do **lugar**, do **tempo**, da **saúde das raízes.**

O tronco se **multiplica**, se **organiza**, se **planeja** à medida que amadurece...

Tudo isso, Jesus nos testemunhou, porque Ele viveu, Ele vive assim, em Comunidade. Nossa palavra é **comunhão de fé radical**. Jesus viveu sua vida como ser humano: Ele foi ele mesmo. Ao mesmo tempo e exatamente da mesma forma, Ele viveu profunda relação com o Pai. O Espírito Santo é o amor experimentado, manifestado, enviado sobre Jesus.

Nós somos chamadas/os, não somente a viver esta experiência de amor, mas a testemunhar, isto é, a PROFETIZAR este jeito de viver. A comunidade religiosa é o tronco que unifica a árvore, que é sustentada por profundas raízes e que se abre para produzir frutos missionários.

Voltando a habitar nossa história, é interessante descrever os vários modelos de comunidade que já experimentamos num passado não muito distante. Não há como dispensar essa parte de nossa vivência, como nos diz o documento orientativo da Congregação para a Vida Consagrada – para vinho novo odres novos:

Não obstante todos os sinais de renovação, os Institutos de VRA convivem com velhos costumes que, com sua rigidez, opõem resistência ao novo (que está sempre ainda por chegar ...). Desta convivência de estilos, podem surgir conflitos, ásperos às vezes. E dos conflitos nascem acusações recíprocas que não trazem sabor do „vinho excelente“ (Ct 7,10), mas de „vinho a fermentar misturado com veneno“ (Sl 75,9). Há as que julgam as outras como „uva brava“. (Is 5,2)⁹

Existe uma difundida impressão segundo a qual, não poucas vezes, falta a base evangélica da fraternidade, também nas relações entre Superiora e Irmãs. Se dá mais importância à Instituição do que às pessoas que a formam. Não é por acaso, que entre as causas principais do abandono à Vida Religiosa se ressalte: empobrecimento da visão de fé, os conflitos da Vida Fraterna e uma vida fraterna carente de humanidade¹⁰.

Já o papa Francisco, graças a Deus, dirige a todas as Comunidades do mundo, um apelo premente: “o testemunho de comunhão fraterna, entre vocês, se torne atrativo e resplandescente. Que todos possam admirar como nos cuidamos umas às outras, como nos acompanhamos, como nos amamos! ”

9 Para vinhos novos odres novos, CIVSCA n. 3

10 Para vinhos novos odres novos, CIVSCA n. 24

Em que consiste, de fato, o conceito de Vida Comunitária? “Antes de ser instrumento para uma determinada missão, a Vida Comunitária é espaço teologal, onde se pode experimentar a presença mística do Senhor ressuscitado” (cf. Mt 18,20)¹¹.

A alegria de viver juntos é um sinal do Reino de Deus. Saber fazer festa juntos, alegrar-se com as alegrias do irmão, da irmã, celebrar aniversários, ser solidário com aquele que chora a perda de um ente querido, dar atenção às suas necessidades, enfrentar os momentos difíceis e experimentar tantas outras situações que tocam a todos, é um exercício constante de caridade que expressa o que é, de fato, a vida comum. Recordemos também a beleza do salmo 133: viver como irmãs, viver como irmãos é como o orvalho que desce, desce, desce, e irriga uma imensa montanha. É também como um óleo de perfume raro, que desce, desce, desce, e inunda todo o corpo apostólico que nós formamos!

O incansável papa Francisco acrescenta mais um importante conceito:

Se uma pessoa não pode viver a fraternidade, também não pode viver a Vida Religiosa. A comunidade Religiosa é uma experiência de amor que ultrapassa os inevitáveis conflitos. Aliás, os conflitos devem existir, uma vez que buscamos viver com relações sinceras e leais. Vida sem conflitos não é vida. Nas primeiras vésperas da festa de São José, no breviário argentino se pede ao santo que cuide da Igreja com ,ternura de Eucaristia’. Isso, é assim: devemos tratar irmãs e irmãos com ternura eucarística. Precisamos aprender a ACARICIAR OS CONFLITOS!!!¹²

Que incomparável **profecia** nos é confiada por Deus, em meio a um mundo dividido, machucado, inundado por pessoas desamadas...

Acrescentemos ainda a PROFECIA do exercício da autoridade do tronco: ele organiza a árvore, em vista de galhos, folhas, flores e frutos. Como deve ser exercida a autoridade na Vida Religiosa Consagrada? Como Jesus – como serviço! Os traços característicos da autoridade religiosa são reconhecidamente:

Por um lado, a subsidiariedade, o colegiado, as delegações, a dinâmica participativa, justos espaços de autonomia, co-responsabilidade...

Por outro lado, a coragem profética de propor o repensar dos projetos, das estruturas que se perpetuam, do estilo e dos métodos repetitivos – “Sempre foi assim”...

11 Vita Consacrata 42

12 Iluminar o futuro, Sparado, Ancora.

Diariamente, somos desafiadas a diferenciar três conceitos:

O poder é uma delegação recebida em um capítulo eletivo, por um tempo definido para concretizar algo que recebemos já definido. Temos poder sobre coisas, projetos;

A liderança é a capacidade de envolver todo um grupo na execução de uma atividade, um projeto. Exercemos a liderança entre pessoas;

Autoridade é algo bem diferente: seu conceito vem da palavra latina – *augere* (levantar-se). É uma atitude interior de coerência entre o que se pensa, se diz e se testemunha, ao liderar e ao exercer o poder. É a dinâmica que convida e conduz a comunidade a “estar de pé”, prontas para a missão.

Resumo: temos **poder** sobre coisas, projetos; **lideramos** pessoas; somos (testemunhamos) autoridade.

(Fazer um minuto de contemplação sobre a audácia profética do tronco.)

A profecia das folhas, das flores, dos frutos

Escrevo este texto após longos tempos de meditação em meio à primavera alemã. É uma experiência forte – uma explosão de vida quase indescritível, mas passa muito rapidamente. É tempo de beleza transitória, que serve para acelerar o outono, o tempo de colher o alimento. Isso tudo me fez pensar muito:

As raízes continuam sempre as mesmas... buscando profundidade. Frio, neve, sol, calor, nada as impede de **cavar!!!**

O tronco sofre bastante no inverno. Ele, que se organiza, multiplica, favorece a vida, mas... passa pelo processo da poda, dos cortes, da adaptação, da permanente urgência em se atualizar, refazer, reinventar!

Porque **importante, acima de tudo, para a árvore, é oferecer seus frutos**. Uma árvore jamais pensaria em vender suas folhas, suas flores e seus frutos. . .

Vida Religiosa Consagrada, quais são teus, meus, nossos frutos? O que profetizamos ao produzi-los? Para quem estamos produzindo? Qual é a missão da Vida Religiosa Consagrada? O que podemos aprender sobre profecia, a partir das folhas da árvore? Ouçamos uma frase do Apocalipse: “No meio da praça, de cada lado do rio, estão plantadas árvores da vida: dão frutos doze vezes ao ano, todo mês elas frutificam, suas folhas servem para curar as nações”¹³.

13 Ap 22, 1-2

Testemunho: vejo uma pessoa sentada, sozinha e com olhar de fome e sede. Vou ao pomar, colho três folhas de uma laranjeira, preparo um chá quente e doce e o levo à pessoa! Profecia da gratuidade, da esperança; da saída, da misericórdia – três folhas de laranjeira!

Testemunho: Vejo uma co-irmã triste, sei que algo não deu certo com ela, mas não sei como me aproximar e começar a fazer perguntas. Vou ao jardim, colho uma flor (qualquer flor), e entrego a ela, acompanhada ou não de algumas palavras ou de um gesto de carinho. Profecia de amor, de cuidado, de solidariedade – uma simples florzinha do jardim!

Esses dois gestos aproximam muito a Profecia da Sabedoria, que significa saborear, encontrar tempo para degustar a **palavra, o símbolo, o amor.**

Não esqueçamos jamais que as folhas e as flores que caem, murcham, morrem, preparam a terra para a vida nova. Não esqueçamos a profecia do silêncio, da morte, da escuta.

Que conceito damos hoje à missão da Vida Religiosa Consagrada?

Missio Dei. O conceito mais surpreendente, mais sublime e mais gratuito de toda a nossa reflexão sobre o núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada é o conceito de Missão. Missão é o engajamento na única missão de Deus, – **a Vida por Ele criada e amada.**

Por ela (a vida), o Pai envia seu Filho, Jesus de Nazaré, ao mundo. Ele é o centro do envio de Deus e qualquer outra iniciativa missionária lhe segue os passos.

Costumamos dizer: nossa missão. Verdadeiramente, é melhor dizer: Deus tem uma missão, e presenteia parte dela a uma Congregação Religiosa.

Regnum Dei. Religiosas e religiosos que somos, nossa identidade é carismática. A primeira fronteira para a Vida Religiosa Consagrada é a fronteira do Reino, que não tem fronteiras! Sempre que um projeto humano impedir o projeto de Jesus... lá estarão fileiras de Religiosas e Religiosos entregando sua vida em favor do Reino!

Existe, e sempre existirá uma tensão positiva entre Igreja e Reino. Religiosas e Religiosos somos Igreja, isto é, integramos a Assembleia desde onde o Reino se anuncia. Como Igreja, somos enviadas/os a sair do local fixo da Assembleia e partir.

Existe, sim, e é bem significativa, a Vida Religiosa Samaritana. Conhece sua vocação, conhece seu lugar, mas, ao perceber os caídos à beira do caminho, aproxima-se e dedica seu tempo, seus recursos,

seus conhecimentos, ao cuidado da vida. É o caso das Religiosas e dos Religiosos não ordenados, que atuam em locais onde o clero é ausente e onde as comunidades não estão organizadas.

Mas, em princípio, na Igreja é para o mundo, profetizamos através de um estilo de vida que nos torna **livres para o Reino**. É por isso que professamos, por exemplo, os votos religiosos. Cada um dos três – castidade, pobreza e obediência – nos liberam de compromissos (todos muito positivos) em vista da necessária saída de nossos territórios rumo aos desertos onde vivem os descartados, rumo às periferias onde sobrevivem os marginalizados, rumo às fronteiras onde a vida grita pela presença do Deus da vida. Esta é a utopia do Reino. A vida em plenitude para todos é a visão do Reino.

Podemos sair, porém, mesmo permanecendo dentro de nossas casas, onde o serviço também clama por nós. Podemos, então, sair de nós mesmas, das próprias ideias, da autoreferencialidade, da burocracia, da acomodação. Sempre podemos atravessar a rua... O Reino não tem endereço fixo.

E os frutos que produzimos, como são, que sabor eles têm? Na Vida Religiosa Consagrada, existe um fio de ouro que “costura” três expressões inegociáveis: **Carisma – Espiritualidade – Missão**.

O **Carisma** é o **dom** que o Espírito Santo confia a quem Ele quer. Deste precioso dom, somos herdeiras/os, cuidadoras/es e responsáveis por sua atualização e inculturação, permitindo que o mundo de hoje o leia através de nossa vida.

A **Espiritualidade** é o jeito como vivemos este Carisma; é como o sangue que percorre o corpo apostólico que nos reúne em Congregações; é o conjunto de práticas que vão nos configurando àquela página do Evangelho, ao traço do rosto de Deus que o mundo deseja conhecer.

A **Missão** é a concretização do carisma e do projeto espiritual que o sustenta. A missão é o Carisma realizado, o sonho de Deus através de um fundador ou uma fundadora, que ganha sentido, corpo, alma, mãos e pernas. A missão é a profecia tornada vida! Todos sabemos que, para viver precisamos de comida, de casa, de trabalho, de dignidade, de justiça, de escola, de hospital.

Qual é, de fato, o problema que temos quando discutimos se nossas Obras Apostólicas são ou não um espaço de missão, se são ou não profecia para o mundo? Cada lugar impregnado pela força mística do Carisma Fundacional deixa de ser um lugar geográfico ou so-

cial, para transformar-se em lugar teologal junto ao qual as pessoas experimentam Deus-amor: AMOR revestido com a cor do Carisma Fundacional. Nas veias deste lugar-corpo, corre, como sangue, o Evangelho tornado vida – espiritualidade. Este é o critério. Não teremos mais dificuldade em definir se uma “obra apostólica” pode ser transferida a outras pessoas ou grupos, ou se ela é hoje o lugar teologal de nossa profecia.

Nosso lugar, como Religiosas e Religiosos, não é lá onde moramos, ou lá onde trabalhamos; nosso lugar é onde amamos, onde testemunhamos! Nosso compromisso primeiro consiste em manifestar – profeticamente – o Carisma que nos encanta e identifica, o primeiro amor com o qual respondemos ao chamado. É este Carisma que devemos irradiar, comunicar, profetizar. Lembremos que nosso jeito específico de viver o Carisma pode ser a melhor maneira que o mundo ainda tem para ler o Evangelho, para conhecer Deus. Este momento, Irmãs e Irmãos, é muito especial para a Vida Religiosa Apostólica. Quando reconhecemos que, do ponto de vista da produtividade, nos tornamos desnecessárias no mundo ocidental, este mesmo mundo nos provoca a recuperarmos nosso específico: somos sinal que aponta para a presença atuante de Deus na história.

Já fizemos todas as reformas, reestruturações e redimensionamentos possíveis: constituições, casas, comunidades, estruturas e atividades. É hora de nos aproximarmos da fonte, é hora de crescer em direção ao profundo. O profeta Oséias, que tanto acentua o amor, a sedução, coloca nos lábios de Deus uma queixa, uma expressão de dor: “Como meu povo é difícil de se converter: é chamado a olhar para o alto, mas não encontro um que levanta os olhos.” (Os 11, 7) Que doloroso é este lamento de Deus! É como se Ele estivesse dizendo: quero tanto que vocês olhem para mim, mas vocês não tiram seus olhos de vocês mesmos!

É o cuidado que precisamos ter: os frutos missionários produzidos pela árvore têm sua origem na raiz. Lembram? – raiz não constrói; raiz cava...

Iluminando este pensamento, pode brilhar, na Vida Religiosa Consagrada, a profecia da “Comunhão dos Carismas”. O que nos devemos perguntar cada dia novamente é: **onde, como, com quem** vivemos profeticamente a missão de fazer brilhar o Carisma. O testemunho carismático torna a Vida Religiosa Consagrada **SINAL profético de uma parte do Evangelho que o mundo lê através de nossa vida**. Que fique, então, bem sublinhado, que não sinalizamos coisas, **sinalizamos Deus, sua Palavra, sua Mensagem, sua Obra**.

O compromisso missionário da Vida Religiosa Consagrada é enraizado no seguimento radical de Jesus. Ir onde Ele nos leva, ir com Ele para onde Ele vai, ir como Ele, inserido na missão de seu Pai e do Espírito Santo. É por isso que priorizamos a saída, o Êxodo, porque o Espírito Santo nos impulsiona hoje para além de muitas fronteiras. Nosso compromisso profético nos obriga a irmos por primeiro, ao encontro da vida que clama. Lá, deixemos que os frutos de nossa árvore vocacional se derramem e saciem a fome e a sede de tantas e tantos.

Em vista da Missão, a Vida Religiosa Consagrada profetiza também, através de relações multiculturais, interreligiosas, integradoras, internacionais, com opções político-sociais, com engajamentos qualificados e corajosos. Até a exposição à profecia maior – a entrega da própria vida!

(Fazer um minuto de contemplação sobre a profecia das folhas, das flores, dos frutos.)

Estaremos bem equivocadas/os, se pensarmos que a PROFECIA da Vida Religiosa Consagrada consiste em viver bem cada uma destas mensagens: raiz, tronco, frutos.

A notável originalidade da Vida Religiosa Consagrada é sua vocação de viver este núcleo identitário de modo inseparável e insubstituível. Nosso jeito de ser, a forma de nossa vocação, o COMO testemunhamos, se constitui em **PROFECIA**. Como religiosa/o, não me é dado o direito de fragmentar este Unidade, esta Trindade! Exatamente como a árvore: raiz, caule e frutos. Nenhuma chance de realização “em separado”.

Como Vida Religiosa Consagrada
seguimos radicalmente Jesus em comunidade,
de discípulas/missionárias/os.

(Fazer um minuto de contemplação.)

A profecia da esperança

As profetizas e os profetas da Bíblia pedem ao povo que entenda o presente em termos de uma futura ação de Deus. Elas e eles eram pessoas orientadas para o futuro, perscrutavam o futuro. Gritavam para que o povo mudasse de rumo, que agisse em vista do futuro. As profecias insistem em repetir a expressão “coisas novas”, algo de

novo, novo céu, nova era, coração novo, novo espírito, nova terra, uma nova Jerusalém. A profecia é sempre portadora de esperança. Isaías é bem objetivo: “Não deveis ficar lembrando as coisas de outrora, nem é preciso ter saudades das coisas do passado. Eis que estou fazendo coisas novas, estão surgindo agora e vós não percebeis?” (Is 43, 18-19)

É interesse PERCEBER os sinais do futuro que Deus define para nós. Perceber é algo que implica todos os sentidos – tato, olfato, gosto, visão, audição. A atitude fundamental que nos orienta neste passo é a de dar lugar à esperança.

Questões para reflexão

- Depois de pensar e rezar, fiz a opção pela palavra ALEGRIA como fio condutor do passo que segue. O que nos proporciona alegria hoje? Onde percebemos alegria em nossa Congregação hoje? Que iniciativas novas resultam em alegria hoje para outras pessoas, principalmente para quem perdeu a alegria?
- Então, Irmãs e Irmãos, perceberemos que as sementes do futuro estão aqui, agora... E em nossos corações crescerá um lugar para a esperança.
- Procuremos ser terra boa, onde as raízes cavam com facilidade, dando à esperança o lugar que ela merece!

REGAR A TERRA EM TEMPO DE SECURA VOCACIONAL¹

VIDA CONSAGRADA E O SÍNODO DOS JOVENS E A VOCAÇÃO

PADRE JOSE CRISTO REY G. PAREDES, CMF

*Tradução de Irmão Benê Oliveira, membro da Diretoria da CRB e
Provincial da Província Marista Brasil Centro-Sul.*

Regai a terra ressequida!

Bloqueio vocacional? VRC no caminho para o Sínodo sobre os Jovens e a Vocação.

“Toda transformação é lenta, irremediavelmente lenta, exceto para quem só espera pelo final, porque já o conhece e acha que é suficiente comprovar apenas que as coisas seguem os ciclos impostos por sua própria natureza. Ocorre algo semelhante a uma experiência infantil pela qual todos nós passamos. Certa manhã, você se levanta, pega a caixa de papelão na qual, ontem, preguiçosos bichos-de-seda passeavam entre folhas de amora. Cheio de admiração, você fica contemplando dentro da caixa que os bichinhos se transformaram agora em borboletas e, depois de terem vivido presos ao solo, passaram a voar para os mais variados lugares”².

1 <https://vidareligiosa.es/vr-camino-hacia-sinodo-los-jovenes-la-vocacion/RevistaVRVidaReligiosa>
(secretaria@vidareligiosa.es)

2 García Paredes, Antonio. Periódico La Razón, 27 de noviembre 1998, p. 5.

Do mesmo modo, ocorrem metamorfoses na Vida Religiosa. São lentas, irremediavelmente lentas. Pouco a pouco, vamos mudando de formato. Trata-se de uma adequação quase total. Aguardamos por esse momento de graça, momento surpreendente no qual todos os nossos bicho-de-seda se transformarão em borboletas e viveremos um novo ciclo, uma outra história.

Enquanto isso acontece, chegam até nós alguns candidatos pedindo para ingressar em nossas congregações. O momento não é muito favorável. Somos tomados pela dúvida de eles não serem capazes de resistir, junto conosco, às transformações que nos agitam internamente. Percebemos que eles têm uma visível vocação de “borboletas”, mas, de imediato, tudo o que podemos oferecer-lhes é apenas uma caixa de papelão, umas folhas de amora e uma condição de vida que, por enquanto, será a de bichos-de-seda. Voar? Por ora, não será possível. O dia vai chegar. Mas a transformação é lenta, irremediavelmente lenta.

Períodos de seca

São poucos/as os/as que pedem para ingressar em nossas congregações. Habitados no passado a noviciados recheados de candidatos, nos apavoramos vendo-os agora quase vazios ou sendo levados, até, a fechar por algum tempo ou a “ser reorganizados” — o que significa acomodar em algum lugar os poucos candidatos provenientes de territórios imensos. Há quem chame esta situação de “seca ou secura vocacional”.

1) A metáfora

Fazemos uso da metáfora da chuva para indicar que, em períodos anteriores, “choviavam” vocações entre nós. De uns tempos para cá, as chuvas passaram a ser raras, inconstantes. Elas nos são permanentemente negadas. Nossos líderes, junto com os irmãos e as irmãs mais abalados diante dessa situação, nos pedem que lutemos por essa causa a ponto de promover preces nesse sentido. Estamos autorizados a invocar o Espírito Santo e a pedir-lhe com muita ousadia: “Regai a terra ressequida”. Esta oração teria valor para a solução da persistente e cada dia mais extensa seca vocacional de nossos institutos? Seria uma invocação adequada para a preparação do próximo Sínodo dos Bispos sobre a Juventude? Será que este artigo deve ser uma reflexão sobre a súplica ao Espírito para que envie numerosas vocações a nossos

institutos? Eu mesmo respondo: Não! Se eu me deixar levar por um pensamento criativo, simbólico, aberto à complexidade e estimulante, é meu dever reunir os diversos elementos simbólicos desta prece ao Espírito: terra, sede, seca e água.

O que devo fazer será divulgar esses símbolos para entender essa realidade misteriosa que nos envolve: a cumplicidade entre o Espírito de Deus e o ser humano e os grupos humanos; porém, também, às vezes, a falta de sintonia que “tanto entristece” esse poderosamente frágil e fragilmente poderoso Espírito de Deus. Por isso, eu me faço as seguintes perguntas: Há terra seca em nossa congregação? Somos nós mesmos – sou eu mesmo – uma terra ressequida, esgotada, sem água? Há terra seca nos jovens de nosso tempo, sejam eles europeus, americanos, asiáticos...? Onde encontraremos a água? Que água? Água de rio, de chuva, de fonte, de lago? Que aspectos do interior de nossas congregações têm maior necessidade de ser irrigados? Nos corações dos jovens batizados e crismados, que detalhes têm maior carência de irrigação? Como poderemos explicar que a confirmação do Batismo sofra com uma inesperada seca? Essa seca é cultural, é ambiental ou é específica de alguns grupos, de alguns territórios?

2) Uma certa despreocupação não seria salutar?

Nesse contexto, parece que uma quantidade maior ou menor de candidatos é uma questão sem muita importância, quase algo como uma simples consequência. Creio que existe uma certa despreocupação saudável em relação a novos candidatos, que é notória nas congregações ou ordens mais consolidadas. Ao contrário, os grupos mais fundamentalistas sempre se empenham muito no recrutamento de novos candidatos. Jesus identificou isso no proselitismo judaico. É dele o conselho o qual deveríamos ter permanentemente presente: “Vocês percorrem o mar e a terra para converter alguém e depois que o conseguem fazem dele um merecedor do inferno duas vezes mais do que vocês mesmos” (cf. Mt 23, 25). Creio que nós, a maioria dos consagrados, agimos assim. Nós nos empenhamos para que os processos vocacionais sejam lúcidos, livres, abertos e não o resultado de um marketing que impressiona. Fazemos isso porque sabemos perfeitamente que, na sequência, não é fácil resistir às provações próprias dos períodos de formação: postulado, noviciado, juniorato.

Aquela saudável despreocupação a que me referi está alicerçada em alguns argumentos que têm peso próprio: A) A vocação depende de

Deus e nós não devemos querer substituí-lo. C) O projeto de vida de nossas congregações, enquanto tais, não é absolutamente necessário para a existência do mundo e da Igreja. C) Nós não somos credores de uma promessa de perenidade. Se desaparecermos, nada acontece. O importante é morrer como se deve: carismaticamente. A vida consagrada persistirá sob outras formas. D) A vida consagrada, tal como a vivemos em nossos institutos, não é tão valiosa como se divulga. Nós temos supervalorizado nossa forma de vida. Não é, nem muito menos, ouro tudo o que reluz! Nossa forma de vida está impregnada de “deformações”. E) Não vale a pena fazer da pastoral vocacional uma prioridade.

Nossa prioridade é a missão, servir, entregarmo-nos, anunciar o Evangelho: “o resto nos será dado como se fosse um abono” (cf. Mt. 6, 33). Mesmo que tudo isso seja certo, não é bom, entretanto, termos tamanha indiferença. Recebemos a graça de uma vocação apaixonante. Vale a pena colocarmos a luz no candelabro, lançarmos a rede, estendermos a mão e emprestarmos nossa voz a Jesus, pedindo apaixonadamente ao Espírito: “Regai a terra ressequida”.

A situação vocacional: terra seca ou terra sedenta?

1) Por que “seca ou sede”?

Eu resisto à crença de que seja a seca o elemento predominante entre nós, em nossa terra, em nossas congregações. Nós não estamos ressecados. Não somos terra seca, esgotada, sem água. Conheço muitas religiosas e religiosos de várias congregações, ordens, idades, nacionalidades e continentes. Não consigo ver neles e nelas o rosto de uma terra em estado de secura. Não estamos secos nem como pessoas, nem como grupos. Somos grupos fundamentalmente felizes. O que fazemos e o que somos nos tornam felizes.

Palpita dentro de nós, em não poucos momentos, o entusiasmo pelo extraordinário, em meio à mais corriqueira rotina, por exemplo, pelo martírio. É notório que nos transformamos, que crescemos, e também que envelhecemos como o bom vinho. Muitos de nós progredimos com o passar do tempo. A umidade se faz presente. O humo é o nosso solo. E está também presente a humildade. A humildade é úmida. Não existe humildade seca. Por isso, as pequenas coisas nos atraem. Não temos pretensões além de nossa capacidade. A opção pelos pobres, a paixão pela inculturação, nossa inserção nos meios populares, a supera-

ção dos dualismos na espiritualidade e na vida e tantas outras coisas... não estão ressequidas dentro de nós. Não somos terra seca.

O que mais valorizo entre nós é uma sede crescente. Somos comunidades sedentas. Temos sede. Existe uma água viva que não conseguimos achar por nós mesmos. Ela precisa ser dada a nós. Precisamos que uma água viva, uma chuva de Deus caia sobre nós. Precisamos que alguém nos dê de beber. “Dê-me um pouco de água” (cf. Jo 4, 7). “Tenho sede” (cf. Jo 19, 28). Jesus também sentiu esse desejo angustiante. Cada um de nós sabe perfeitamente o que significa estar avidamente sedento.

Creio que nosso tempo é um tempo de sede, mas de um novo tipo de sede. Não é de novas vocações que temos sede. Não sentimos sede de sermos mais numerosos para termos mais prestígio social nem para conseguirmos manter obras sem precisar de contratos de trabalho, sem salários ou encargos sociais. Não sentimos sede de novas vocações para satisfazer nosso desejo secreto de filhos ou filhas, nosso desejo de conviver com corpos juvenis. Não temos sede de novas vocações para exhibir nossa capacidade de sedução diante dos outros.

Nossa sede é mais, muito mais profunda. Estamos sedentos de significado e de orientação. O livro do significado, o livro selado com sete selos, que ninguém é capaz de abrir, e como ninguém pode abri-lo, nós nos sentimos tristes como o profeta apocalíptico (cf. Ap 5). A vida é fugaz. Fogem de nós as oportunidades de realizar nossos sonhos. Vemo-nos cercados de obstáculos para realizar um pequeno ideal, que, no final, nos impõe um questionamento: “Vale a pena viver? Vale a pena entrar numa congregação para ter apenas esse resultado? Vale a pena fazer parte da Igreja?” Sim, na verdade estamos sedentos é de significado, sedentos de amor, sedentos de transcendência.

2) Antes de mais nada, encontrar um sentido, um significado para as novas vocações!

Permitam-me refazer para mim mesmo a pergunta: “Secura vocacional?”

Minha resposta é que basta uma única pessoa que peça para se incorporar à nossa comunidade para concluirmos que não existe essa tal seca vocacional. Por acaso, havia uma seca no lar de Zacarias e Isabel quando ela ficou grávida e concebeu um filho, a quem deram o nome de João – “Deus é propício”: “Deus é cheio de graça”? Será

que havia seca na casa de Nazaré quando Maria concebeu seu único filho? Não consigo perceber tal secura quando, nas tardes de segunda e de terça-feira, vejo na escola Regina Apostolorum (Madri) noviças e noviços do primeiro ano. Descubro que elas e eles são chuva, água fresca — e, quem sabe, uma inundação ou um vendaval para nossas congregações. Mesmo que, às vezes, pareça que, devido à presença dos jovens consagrados nas comunidades, ocorra um “mau tempo”, é porque se aproximam as chuvas ou os vendavais purificadores.

Não devemos apenas rezar pelas novas vocações. Mas, agradecer muitíssimo por aquelas que nos são enviadas. Uma vocação nova é uma semente de vida, é água que pode fazer com que tudo volte a brotar, é graça de refundação.

Mas, as novas vocações devem ser merecidas. Não são processos automáticos que dependem exclusivamente de Deus. A água do Espírito é sábia e conta com os caudais e as capacidades do terreno. Isso me faz lembrar de uma pergunta que Nietzsche faz no discurso número 20 da primeira parte do livro “Assim falava Zaratustra”: “É hora de você fazer a si mesmo uma pergunta. Faça-lhe esta pergunta como um tiro em sua alma, pois sei o quanto ela é profunda. Você é jovem e desejaria ter um filho e estar casado. Mas lhe pergunto: você é um homem suficientemente digno para ter um filho?”

Retraduzindo Nietzsche, eu perguntaria: “Tenho de lhe fazer, minha irmã congregação, meu irmão Instituto, minha irmã comunidade, só para você, uma pergunta. Faça-a como se desse um tiro em sua alma, porque sei o quanto ela é profunda. Você gostaria de ter um jovem noviço ou uma jovem noviça, mas lhe pergunto: você é digna disso? É sempre possível aceitar e manter noviços de modo irresponsável, muito irresponsável. Não caberia um certo controle de natalidade?”

3) Olhar e admirar o conjunto. Um instituto religioso não é tudo na Igreja.

Como um dia surgiu, pode um dia desaparecer. Mas a comunidade de Jesus, guiada pelo Espírito, seguirá em frente. Nossa atenção não deve fixar-se obsessivamente em nossa sobrevivência. É mais justo e honesto ir em busca do crescimento de todo o Corpo de Cristo, que é a Igreja. Devemos tirar proveito do crescimento de todo o corpo e não nos dedicarmos no crescimento de um membro apenas.

Na Igreja de hoje, não há seca vocacional. Graças a Deus, não somos mais a única alternativa, o único caminho de compromisso, de evangelho. Graças a Deus, há cada vez mais caminhos novos. Os movimentos, as comunidades de base, os grupos de leigos, estão assumindo o caudal, um fluxo que, não faz muito tempo, desemboca todo na vida religiosa. Neste momento, as vocações estão mais bem distribuídas. Existem mais opções. A distribuição é muito mais equilibrada e será mais fecunda com o passar dos anos. Há secas que são um presente para o conjunto. A Igreja, em suas múltiplas formas de vida, está se reequilibrando.

A queixa pela seca vocacional pode ser um sintoma da divisão interna dentro de um instituto. Enquanto as vocações crescem e se multiplicam em outros países, toma-se como parâmetro de crescimento ou de declínio o que ocorre na Europa. Um certo racismo vocacional pode nos incomodar quando perdemos a consciência de que formamos um conjunto pluricultural, plurirracial e afirmamos categoricamente que a herança carismática não pertence mais a uma do que a outra nação.

4) Zona catastrófica?

Devemos ainda admitir que no espaço de nossas congregações existem igualmente zonas que poderiam perfeitamente ser declaradas como “catastróficas”. Sem dúvida, zonas de secura, nas quais nada se produz. São mantidos os costumes, observa-se a eterna repetição do mesmo, a diabólica obesidade como cancerosa reprodução da mesmice.

Estas zonas catastróficas – no âmago da vida religiosa – não se caracterizam por seus pecados positivos, nem sequer por seus dinamismos perversos. São zonas nas quais impera o costume, o hábito, a rotina. Péguy (escritor francês, 1873 – 1914) já nos advertia: “O pior não é ter uma alma perversa, mas uma alma conformada”. Esse é o reino do costume, do hábito, da esterilidade do pensamento, da aridez do coração, da frieza dos relacionamentos. Nessas zonas, predomina uma permanente incredulidade em relação a tudo, ao mesmo tempo que uma permanente oposição a tudo. Declarar que essas zonas são “catastróficas” nos levaria a investir nelas recursos para sanear essa parte do organismo que pode ameaçá-lo por inteiro. É diante dessa situação que nos cabe gritar bem alto as palavras do profeta Joel: “A vinha está seca e a figueira está murcha. A romãzeira, a tamareira e a macieira, todas as árvores do campo secaram. Sim! Sumiu a alegria da vida dos filhos dos homens.” (Jl 1, 12).

5) «Minha alma “sempre” teve sede de Vós»: não exageremos nos louvores ao passado!

Talvez não devamos supervalorizar tanto o passado ao qual o esplendor vocacional se refere. Costumamos dizer que as comparações são odiosas. Faz-nos bem estudar o passado para dele tirarmos lições. E uma delas seria simplesmente a resposta a esta pergunta: “O que fizemos com tamanha abundância de vocações?” Não poucas foram vocações desperdiçadas. Trens magníficos que acabaram em estradas sem saída. Em vez de enviá-las para a messe, para o campo das missões mais necessitadas, inventamos macro-comunidades. Convertemos as vocações que Deus nos mandava em mão de obra para uma limpeza escrupulosa de nossas dependências, para umas tarefas domésticas sem nenhum tipo de horizonte, para as mais prosaicas administrações. E afastamos do povo de Deus alguns apóstolos que lhe eram necessários, privando esse mesmo povo de um bom número de profetas e missionários. A obediência serviu como tapa-olho para um estilo de governo sem a menor visão, excessivamente cômodo e livre de riscos. Um companheiro de minha comunidade costuma referir-se a essas zonas catastróficas, a esse tipo de religiosos com estas palavras do profeta Jeremias: “Até o profeta e o sacerdote vagueiam desorientados pelo país” (cf. Jr 14, 18).

O Espírito como água, e como inundação “Regai a terra ressequida e sedenta!”

Esta é a nossa prece ao Espírito. O espírito existe também dentro de nós, mas espírito como letra minúscula. Nós também, seres livres, somos fonte e água. Mas, por mais paradoxal que pareça, somos carentes. Como Paul Claudel expressou essa realidade com perfeição em uma de suas cinco odes ao escrever: “Meu Deus... Tende piedade dessas águas que morrem de sede dentro de mim!”³ Essas águas com sede se referem à necessidade que nosso espírito tem do Espírito, da Água Primordial.

1) O Espírito como água e vento

“No último dia, o mais solene da festa, Jesus, em pé, disse, em voz alta: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba! O que crê em mim, como diz a Bíblia, de seu seio sairão rios de água viva’. Disse isto

3 Claudel, P. Les cinq grandes Odes, 65.

referindo-se ao Espírito que haviam de receber os que acreditassem nele; de fato ainda não havia Espírito, porque Jesus ainda não havia sido glorificado” (cf. Jo 7, 37-39).

Sem Jesus ainda não há Espírito. É preciso que proceda dele. De seu lado, aberto na cruz. E também de seu último suspiro. E, anteriormente, tinha procedido do *Abba*, do Pai.

Tanto nos relatos da criação como no relato da crucificação, segundo o apóstolo João, o Espírito Água procede do Pai e do Filho. O resultado é a criação do universo, a vocação fundamental, no livro do Gênesis, e a comunicação da Vida e a satisfação da sede, no relato de João.

O Espírito do Pai Criador e de Jesus jorra como dom, de balde, sobre a terra sedenta, sobre os seres humanos, representados por Maria e pelo discípulo amado, os sedentos.

“Derramarei água no solo árido e torrentes em terra seca. Derramarei meu espírito sobre tua descendência, minha bênção sobre quem nascer de ti” (cf. Is 44, 3).

O Espírito se derrama sobre toda carne (cf. Jl, 2, 28 e At 2, 17). Trata-se de uma metáfora dramática e surpreendente. Toda carne é certamente o ser humano, mas também todos os seres vivos, como plantas, árvores e animais (cf. Gn 9, 10ss). Para o profeta Joel, carne significava o fraco, as pessoas sem poder e sem esperança, (cf. H. W. Wolff). Por isso, o profeta proclamava: “Vossos filhos e filhas profetizarão, vossos anciãos sonharão sonhos”. Com isso queria dizer que os jovens — os que ainda não haviam entrado totalmente na vida — e os anciãos — que já participam plenamente da vida — serão os primeiros a fazer a experiência do Espírito. É como se o profeta dissesse que ninguém é jovem demais ou velho demais para receber o Espírito.

Quando o Espírito Santo é enviado, chega como uma tempestade, jorra sobre todos os seres vivos, como as águas de uma enchente, invadindo tudo. Se o Espírito é realmente o Espírito de Deus, toda a realidade invadida pelo Espírito fica então deificada, divinizada. O Espírito vem até nós e assume formas variadas. É como a água que, no início é fonte, e logo depois rio e finalmente lago. A água é uma só, mas suas formas de fluir são diversas e graduais. O Espírito é a graça por excelência, depois assume as formas dos carismas ou das energias do Espírito. Os carismas são como fluxos ou emanações do Espírito.

O Espírito transforma a vida dos discípulos por meio do Amor, que é Ele próprio: “A esperança não decepciona porque o amor que Deus tem por nós foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que ele nos deu” (cf. Rm 5, 5).

Além do dom do Espírito não há nenhum outro dom. O Espírito é a graça suprema. Todo o espaço histórico e geográfico está invadido pelo Espírito porque “o Espírito do Senhor enche a terra”.

2) O Espírito que nos chama

A vocação é acontecimento da Palavra. A Palavra de Deus nos chama. Mas a vocação é também acontecimento do Espírito. O chamado é também respiração, essa ação indeterminada que se concretiza na palavra. Sentir a vocação é perceber não apenas a voz de Deus, mas seu sopro, sua respiração, até o último suspiro do Crucificado. A palavra possibilita que o espírito se concretize, mas o espírito antecede a palavra e seu significado. Ao se concretizar, a palavra pode desaparecer. Em troca, o sopro e o vento penetram lá onde a palavra não consegue entrar.

O Espírito é o sopro divino, mais penetrante que sua Palavra; o Espírito atua para que a Palavra seja pregada e para que os corações se abram para ouvi-la, possam entendê-la e acolhê-la. Numa bela coincidência, os profetas Jeremias e Ezequiel tiveram a intuição da importância do coração humano como ambiente de atuação da Palavra e do Espírito de Deus. Nele Deus escreve sua Palavra, sua Lei, dizia Jeremias (cf. Jr 31, 33); nele Deus derrama seu Espírito, dizia Ezequiel (cf. Ez. 26, 27). Nele se encontram, coincidem e se revelam em mútua união a Sabedoria do Pai, a Palavra e o Espírito.

A ação pastoral da Igreja consiste em conduzir nossos jovens, como o Bom Pastor, até fontes tranquilas em que possam recuperar suas forças. Levá-los para lá onde se embebam do Espírito, onde possam mergulhar no rio da vida.

No Evangelho de São João há quatro personagens que se encarregam de conduzir os outros a Jesus. São André e Felipe. André levou seu irmão Simão até Jesus (cf. Jo 1, 41), e Felipe levou Natanael (cf. Jo 1, 44). Na festa da Páscoa – ambos, André e Felipe – levaram até Jesus uns gregos que queriam vê-lo (cf. Jo 12, 22). Levar até Jesus é preparar alguém para receber o Espírito.

Quando alguém recebe o Espírito, quando a água penetra nele, ou o Vento entra pelas frestas da sua alma, a semente começa a brotar.

Convidar outros implica viver de outra maneira. Em todos os tempos e culturas, o Espírito de Deus permanece ativo. Não lucraremos nada prolongando por mais tempo as lamentações ou repetindo sem parar os pedidos para que “façam alguma coisa”. Precisamos enfrentar essa realidade com outra atitude, com outra mentalidade. É necessário criar uma verdadeira “cultura vocacional”, como nos propôs São João Paulo II (cf. Mensagem para a XXX Jornada Mundial de Oração pelas vocações). Chegou a hora de reformular nosso compromisso vocacional a partir de novas atitudes.

Decálogo para períodos de seca: chuva e irrigação

Desejo concluir com dez convites, com um decálogo. Eu os dividi em duas tabelas: a primeira sobre a sede de Deus; a segunda, sobre a irrigação do jardim.

1) A primeira tabela: “A sede de Deus”: «Tenho sede»

1. Fique perto do rio de água viva e você crescerá como uma palmeira do Líbano; na velhice será ainda exuberante e frondoso.
2. Fomente a sede dos irmãos ou irmãs de sua comunidade. Convença-os para que eles também corram em busca da fonte de água viva. Como a samaritana, chame-os para que se aproximem do poço de água viva.
3. Há mais água do que sede. Ative o mais profundamente que conseguir a sua sede... você sempre será capaz de mais. Não denomine logo sua sede de “Deus”; Fuja do aforismo de Elias Canetti, que diz: “Quando não souber o que dizer, diga ‘Deus’.”⁴ Deus é a sede de todas as formas de sede que você sente. Ter sede é uma forma de sentir falta de Deus. Sinta que Deus lhe faz falta. Não mate esse desejo. Mas precisa discernir seus desejos e seus impulsos.
4. Lute, canse, caminhe, sue, esforce-se... e sentirá sede. Só a indolência destrói a sede.
5. A sede de amor é a melhor sede. Mas não se sacie correndo convulsivamente atrás do amor. Contento-se aceitando o amor que chega, que surge, que rodeia você como um rio rodeia sua vida, ou

⁴ Canetti, Elías. El suplicio de las moscas, Anaya & Mario Muchnik, 1994, p. 68.

como a chuva que envolve você. Quem tem sede corre em busca de uma fonte com todos os seus sentidos, e espera muito ansioso pela chuva. Sua generosidade o levará até o céu: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Aquele que crê em mim, como diz a Bíblia, de seu seio sairão rios de água viva.” (Jo 7, 37-38).

2) A segunda tabela: “regar o jardim”

6. Implore. Suplique apaixonadamente pela chuva de Deus, não genericamente, mas de modo muito particular, a favor de alguém ou de um território restrito.
7. Provoque a sede nas pessoas. Leve-as a desejar a água da Vida. Fale com elas sobre a fonte. Leve-as até essa Fonte, que é Jesus, do mesmo modo como fizeram Felipe e André. Ele fará o resto: torrentes de água viva brotarão de seu seio.
8. Cuide para que ninguém troque a fonte de água viva por água lamacenta. Vigie. Seja o guarda e o vigia da fonte.
9. Por meio de comportas, saiba dosar o fluxo, mantenha o ritmo. Não deixe inundar. Deixe a água embeber, umedecer a terra sem se preocupar demais.
10. Há muita terra com sede. Mas você não é a água. Você não é a chuva, nem o rio, mas você pode ser o canal ou pode construir canais.

Conclusão: as borboletas começam a nascer!

Concluo minhas reflexões reevocando a metáfora inicial, o bicho-da-seda e a borboleta. Estão nascendo borboletas. Pouco a pouco vimos nestes anos de renovação como nossa forma de vida, – em seu momento fronteiro de transformação –, está cada vez mais composta por simples borboletas que, em voo livre, vão dando significado e se tornam mensageiras silenciosas de uma boa notícia. Valeu a pena deixar o tempo passar como bichos-da-seda lá onde tudo, absolutamente tudo, está entregue a uma profunda metamorfose. Não seria isso exatamente o que denominamos de “consagração”? Sim, a vocação nos leva – no final – a voar como o Espírito.

“Sempre que você descobrir nos jovens um tesouro, provoque neles a sede. Então você poderá ser canal da Água da Vida. ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem tiver vontade, que tome o dom da água da vida’. Quando você disser a alguém que ele tem um tesouro e conseguir merecer sua confiança, você despertará nele a consciência de sua sede, de sua sede mais profunda e ele começará a sentir o desejo de tomar da água da vida” (anônimo).

ROSTOS DA COMUNIDADE E COMUNIDADE FORMADORA

FREI ANDRÉ TAVARES¹, OP

O teólogo ortodoxo Olivier Clément, falecido em Paris em 2009, contava que sua conversão, aos 30 anos de idade (após uma longa peregrinação pelo ateísmo e por diferentes espiritualidades asiáticas), deu-se ao contemplar um rosto. Ele percebera que o cristianismo era a religião dos rostos; uma fé que nos ensina a importância e a unicidade de cada uma, de cada um. O valor do personalismo na compreensão do cristianismo em nossos dias dá testemunho do acerto da intuição de Clément.

No presente artigo, retomamos, e oferecemos às leitoras e aos leitores da revista “Convergência” as intuições desenvolvidas em conferência que ministramos em Lima, capital peruana, durante o encontro bienal de formadoras e formadores da família dominicana de toda a América Latina e Caribe (aos 24 de agosto de 2015). Trata-se da primeira de uma série de palestras sobre o tema geral “Comunidade formadora como ‘Casa de Pregação’”, *workshop* que tivemos a alegria de animar com Irmã Viviana Sisak, da Congregação das dominicanas de Santa Catarina, da Argentina.

Falar em “comunidade formadora” é extremamente importante em nossas comunidades de cristãs e cristãos consagrados. Não apenas aos

1 Frei André Tavares é frade dominicano, pesquisador e docente em filosofia medieval e teologia sistemática. Por cinco anos e meio, foi Padre Mestre (formador) dos frades estudantes de filosofia e teologia da província do Brasil. Endereço: Fr. André Tavares op. Couvent Saint-Jacques 20, rue des Tanneries, 75013 Paris-França.

dominicanos, mas a todas as pessoas consagradas, o modo de viver na Igreja e no mundo é marcado pela pertença à comunidade. Quando um de nossos antigos formandos esteve em nosso convento no Cairo, no Egito, para uma sessão de formação, escreveu, em seguida, um texto no qual testemunhava a experiência que vivenciou. Segundo contava, o então prior da comunidade dizia que em um país de cultura muçulmana, como aquele no qual se encontravam, a primeira pregação, e talvez a única, que o convento poderia fazer era sua vida em comunidade. Podemos, neste sentido, afirmar que em sociedades secularizadas, nas quais estamos inseridos, e em um tempo no qual é bastante forte um modo de viver que chamamos, de modo geral, de “individualista”, nossa vida comum seja o primeiro sinal de pregação para aqueles que nos veem.

Entretanto, não poucas vezes, testemunhamos comunidades nas quais, de um modo predominante, os membros não se conhecem, onde as conversas tendem a ser superficiais, onde se ignoram a presença e os trabalhos uns dos outros, onde a falta de comunicação é geradora de desconfianças.

A comunidade, como a própria Igreja, não é uma entidade abstrata; ela é feita de pessoas, com suas virtudes e seus limites. Ela possui seus rostos. Por isso, o tema deste artigo é aquele dos rostos presentes na comunidade. Refletimos aqui, de modo especial, sobre a relação de tais personalidades na dinâmica da “comunidade formadora”.

Gostaríamos de chamar à atenção que neste texto iremos nos valer de “caricaturas” para falar dos rostos de uma comunidade. Caricaturas são simplistas e parciais, como sabemos. Contudo, elas nos dão oportunidade de refletir sobre os vários rostos que compõem nossas casas religiosas. São tão somente instrumentos indicativos para a reflexão e a avaliação. Em suma, estes pequenos “retratos” não dão conta, obviamente, da riqueza e da complexidade de cada membro de uma comunidade de consagrados.

É importante também, nesta introdução, fazer uma pequena nota relativa ao papel dos formadores e das comunidades que acolhem uma etapa da formação inicial: a formadora e o formador têm, é claro, um papel muito especial no processo de cada formando e também do grupo. Na psicologia do formando, percebe-se, com o tempo, este papel é bem mais relevante do que imagina o formador ou que indicam as leis de um instituto. Mas é sempre importante lembrar que **os formadores estão inseridos em uma comunidade**. Eis uma especificidade bastante importante em nossa vida consagrada: o formador não está só, mas inserido em uma comunidade, e esta sabe ser cooperadora em

sua missão e sabe-se também formadora. Tal comunidade é real, com uma dinâmica e uma história próprias. Não se trata de um corpo de funcionários de um internato.

O adjetivo “formadora”, que estamos dando à comunidade que acolhe uma etapa da formação inicial, não quer dissolver o específico do serviço das formadoras e dos formadores, mas os coloca no seu *habitat* natural como religiosos: a comunidade. No caso específico dos dominicanos, permitimo-nos recordar, a título de exemplo, por qual motivo nossas leis insistem que os formandos possam viver em um Convento formal: para que possam aprender, no cotidiano, o modo de vida próprio da Ordem, que traz em si uma pedagogia e uma organização relacionadas a um fim: a pregação. Como a longeva rainha britânica Elisabeth II disse em uma de suas raras entrevistas, quando seu interlocutor perguntou como aprendeu a reinar, ela simplesmente respondeu: “Como fazem os macacos: vi como meus pais faziam”. Nossos formandos são frutos de nossas comunidades mais do que nós imaginamos e mais do que eles mesmos gostariam de admitir.

Após estas indicações preliminares, apresentamos seis possíveis “rostos” que podemos encontrar em nossas comunidades.

O ausente

Começamos por tratar do membro da comunidade que em geral chamamos de “ausente”. É aquele ou aquela que sempre se dispensa dos momentos comuns da comunidade. Em geral, tem funções que realmente tomam seu tempo, como a direção de um colégio, a animação de uma paróquia, a coordenação de uma obra de caridade, de uma comissão ou de um secretariado. Está bem claro para toda a comunidade que seu coração está em seu trabalho, e que este é importante para a missão de sua família religiosa. O que o ausente não percebe é que ele está, com suas atitudes, ensinando aos formandos que a vida comum não é realmente importante para a missão.

Cabe aqui uma reflexão seguramente incômoda: temos coragem de admitir que alguns trabalhos parecem não ter caráter comunitário? Vejamos o exemplo das paróquias, sem querer desrespeitar a importância de sua missão: muitas vezes os párocos se dispensam de elementos bastante próprios da vida comum, a tal ponto de nos perguntarmos: são religiosos que cuidam da paróquia, ou clérigos que vivem como hóspedes nas co-

munidades? Mesmo que, várias vezes, tente-se uma coordenação colegiada da paróquia, canonicamente é confiada a “um” pároco, de modo que uma possível “colegialidade” em sua condução depende da boa vontade daquele que foi nomeado. Diga-se o mesmo para diretoras e diretores de colégios ou de obras. Assim sendo, será que testemunhamos aos formandos, presentes em nossas comunidades, que é possível realizar estes trabalhos sem perder as dimensões essenciais da vida consagrada?

Quando os formadores são nomeados párocos ou diretores/as de obras, várias consequências podem ser observadas: sua ausência é sentida; não poucas vezes, para fugir dos conflitos próprios da formação, refugiam-se a pleno tempo no trabalho paroquial, ou ainda na companhia dos leigos engajados nas paróquias ou nas obras. Ou, ainda, decidem que todo trabalho pastoral dos formandos ou formandas deve se realizar na “sua” paróquia ou obra, o que pode representar um perigo: excluir a saudável diversidade de experiências apostólicas ao longo do período de formação. Ainda outro elemento: colégios, obras sociais e paróquias são entidades com grande demanda burocrática. Boa parte do tempo daqueles que se dedicam a estes trabalhos é consumida não com a missão, mas pela burocracia. Não poucas vezes, por opção ou por pouca atenção da comunidade, os responsáveis estão solitários em seus trabalhos, o que faz o tempo gasto pela burocracia tomar mais espaço ainda.

Frequentemente, os superiores têm dificuldades para compor uma comunidade formadora. Os religiosos dizem que em uma comunidade de formação há muito rigor, muitas exigências e incômodas tensões próprias aos processos formativos. O problema não está, no entanto, na casa de formação, mas sim na fidelidade do religioso para com a vida que, ao menos formalmente, escolheu. Explicamos: rezar o Ofício, participar das reuniões comunitárias, respeitar o silêncio e tomar parte na vida comum não deveria representar grandes novidades para as consagradas e os consagrados. Mas há uma mentalidade difundida segundo a qual os elementos da vida regular são importantes para os formandos, mas não para as irmãs e os irmãos que já concluíram sua formação inicial. O grande risco é, portanto, transformar as comunidades em simples casas paroquiais ou em “repúblicas”, a não ser que sejam casas de formação.

As coisas ficam ainda mais dramáticas para os formandos quando sabem que serão avaliados por ausentes, que dele exigirão o que não vivem e que não podem mesmo observar com segurança se os formandos o fazem. Ou, ainda, que afirmam que os elementos da vida regular simplesmente não significam nada no mundo de hoje: são infantilizadores.

O membro ausente pensa ser livre, mas é escravo de seus apetites, de suas paixões. Seu ato fundamental de liberdade foi o de abraçar a vida consagrada, e sua família religiosa confiou que sua entrega, a seu modo de vida, era sincera. Ele ou ela só será realmente livre enquanto for fiel ao seu compromisso. É este testemunho que nossos jovens esperam de nós: nossa atitude profética de fidelidade à nossa consagração feita a Deus, e as opções que daí decorrem. Além da vida em comunidade, avaliemos o quanto nossas obras e missões, tantas vezes tão burocráticas e “técnicas”, nos distanciam dos empobrecidos e dos pequenos.

O Queixoso

O segundo rosto que podemos encontrar na comunidade é aquele do queixoso.

Em geral, a queixosa e o queixoso apresentam constantemente suas preocupações ao formador. Sempre que está a sós com o Mestre ele relata fatos do cotidiano dos formandos que ele viu ou percebeu e que é preciso que o formador corrija. O queixoso sempre encontra defeitos nos jovens, dando inúmeras causas para tal, e pensa que o Mestre, que deveria corrigir todos os problemas de comportamento de seus formandos, é omissos em seu trabalho enquanto não fizer o que ele está dizendo.

É preciso que os formadores estejam atentos: nem sempre o queixoso viu o que afirma categoricamente. De indícios, já faz duras conclusões contra as formandas e os formandos; não raramente está equivocado. O formando não ter participado de uma recreação, em um dia, não indica que ele sempre o faça; o formando ter esquecido, numa ocasião, um dever comunitário, não significa que sempre esteja escapando de seus trabalhos. É preciso, ainda, estar atento ao fato de que um membro da comunidade formadora, por questões subjetivas, não queira mais a presença de um formando, ou deseje, por algum motivo, se vingar dele ou dela, valendo-se de queixas em relação a pequenas coisas. Justamente por isso, o principal trabalho de um formador na comunidade é o de guardar a objetividade. E isso significa um caminho de verdadeira ascese. É o que São Bento chamava de *discretio*, e Santo Tomás de Aquino, prudência.

A figura do queixoso nos leva a outra reflexão: em uma comunidade formadora, é monopólio dos mestres corrigir os formandos? Uma comunidade na qual os membros, no seu cotidiano, não tenham liberdade para a correção fraterna entre si é uma comunidade evangélica?

Pode ser muito cômodo para um formando defender-se atrás da figura do formador quando necessita ser corrigido. É correto que correções fundamentais e mais delicadas que a comunidade observa devam ser feitas pela formadora e pelo formador. Mas pensemos aqui nas correções do cotidiano, numa palavra mal colocada, uma conta mal feita, uma posição incorreta. O formador não é onipresente, e justamente por isso cabe à irmã, ao irmão, formando ou não, corrigir o outro no qual observa um ato ou postura que necessite de correção imediata. Não há problema algum nisso; mas um formando incomodado poderá se valer de um suposto “monopólio de correção” do formador para se esquivar. A atitude se parece àquela da criança que, ao ser corrigida por um tio ou amigo de seus pais, sobre algo bem prosaico, simplesmente diz: “Você não é meu pai” ou “minha mãe”. A correção fraterna faz parte da vida em comunidade, e, se não é praticada desde este momento, no futuro teremos comunidades largamente “tolerantes”, com toda ambigüidade que esta palavra traz, e pouco fraternas, sob o pretexto de ser “adultas”.

O sexólogo

Gostaria de chamar a atenção sobre este rosto da comunidade de um modo especial, sobretudo no momento em que vivemos em um mundo bastante erotizado, no qual temos acesso fácil à pornografia e mesmo a relacionamentos sexuais com desconhecidos, através de aplicativos disponíveis no universo virtual.

Antes de tudo, vale lembrar algo importante: a castidade é uma virtude. E como tal, não significa simplesmente deixar de fazer algo, mas, positivamente, fazer algo. A castidade exige nossa atitude, nosso agir. A comunidade não pode se furtar a tratar do assunto, sobretudo após a “liberação sexual” vivenciada pelo mundo contemporâneo. Também não podemos dizer que ser sexuados seja um acidente em nosso existir neste mundo; é uma característica essencial de cada um de nós.

Mas, o que chamamos, de modo caricatural, de o “sexólogo” da comunidade? Há muitas facetas neste rosto. Observemo-las.

O sexólogo pode ser um formando que apregoe a seus companheiros a necessidade de ter experimentado, mesmo após fazer sua profissão religiosa, uma experiência sexual, seja hetero, seja homossexual. Sua “antropologia” não concebe haver um ser humano maduro sem que este tenha feito sexo. Ele ou ela incentiva seus colegas a fazer sexo,

sempre contando sua experiência. Para ele ou ela, ninguém pode renunciar de verdade àquilo que não experimentou, e castidade como tal é algo “ultrapassado”, que precisa ser “ressignificada”. Sempre verá problemas afetivos em companheiros que não tiveram experiências sexuais ou que não praticam a “castidade periódica”.

Aquelas e aqueles que já tiveram oportunidade de acompanhar jovens que decidem entrar na vida religiosa tendo, até pouco tempo, uma vida sexual ativa, conhecem as dificuldades inerentes ao processo. Tanto os formadores, como os tais jovens, sabemos o quão pesado é, para aqueles que se encontravam em tal situação, assumirem a continência; não poucas vezes, o jovem cai. Isso não significa que sua busca não seja sincera, mas que está em processo de transformação de vida. Todavia, tal jovem pode cair em uma tranquila duplicidade ao encontrar incentivo para tal por parte de companheiros de caminhada, ou mesmo irmãos da comunidade formativa. Nesse sentido, tenhamos em conta que a laicização e o aburguesamento no cotidiano de inúmeras comunidades contribui para tal. Por exemplo: religiosos que falam à mesa sobre a beleza de mulheres, ou de rapazes que frequentam a igreja paroquial; muitas conversas sobre jogos, compras, fofocas clericais, etc, e pouca, ou quase nenhuma, partilha sobre trabalhos, projetos e vida de oração. Todo este clima pode levar o formando a pensar que integra não uma comunidade, mas uma residência de solteirões. E, sendo assim, se o mistério não perpassa a atitude de seus irmãos e irmãs, sobretudo os mais velhos, não há muito sentido em uma renúncia tão fundamental como a de ter relações sexuais, seja com uma ou muitas pessoas.

Logicamente, a “imperfeição” dos irmãos não pode ser tida como a única culpada de um jovem formando alimentar uma duplicidade de vida. Nunca, nem os jovens, nem os mais velhos, conheceremos neste mundo uma comunidade de perfeitos. A história do cristianismo mostra que este tipo de tentação sempre fracassou. Mas, sermos mulheres e homens que buscam a conversão a cada dia – não em relação à ideia de Deus que venhamos criar, mas àquele que o Evangelho nos revela – contando com a força do Espírito Santo (o que implica oração e vida sacramental), é um excelente incentivo para nossos irmãos em processo de formação. Um imperfeito sempre em busca dá um testemunho mais substancial que um “perfeito” orgulhoso.

Verificou-se, em algumas casas de formação, a prática de os formandos trocarem entre si material pornográfico; em algumas vezes, veem-no juntos. Pode ser que seja um momento de curiosidade. Mas é preciso

cuidado: entre os religiosos, é grande o número de viciados em pornografia, sobretudo pelo uso da internet. O educar-se para o uso dos meios de comunicação é primordial em nossos dias.

Por vezes, mesmo entre jovens heterossexuais, poderão surgir relações homo-afetivas (entre os mais velhos, quem não se lembra da expressão “amizade particular”?). Estas precisam ser sempre discernidas com cuidado. É possível que alguns formandos, sobretudo os mais jovens, venham a vivenciar certa homossexualidade passageira, por exemplo.

Se o jovem não tiver com quem partilhar o que ocorre consigo, ele não consegue “exorcizar” o que se lhe apresenta; São João Cassiano já falava sobre expressar seus pensamentos ao pai espiritual, em suas “Conferências”. Discernimento e misericórdia andam juntos, sobretudo nestes casos. Acompanhar e discernir, mas sempre com parâmetros, limites e objetivos, sem os quais não há avaliação possível.

Thomas Merton apaixonou-se pela enfermeira que dele cuidou no hospital, no período em que lá esteve internado, em 1967, após uma cirurgia. A paixão foi correspondida. Merton não negou a si mesmo, e entregou-se a esta paixão, vivenciando o amor de e por uma mulher. Voltando a seu mosteiro, o irmão cooperador que cuidava da hospedaria, certa vez, chamou-lhe a atenção ver Merton usar diariamente o telefone; ele o advertiu que em breve o abade o poderia chamar, para saber por que ligava todos os dias para o mesmo lugar. Thomas Merton, naquele momento, tomou a decisão de contar toda sua situação a seu abade. Ao fazer o relato, ele mesmo percebeu que não conseguiria viver sem a solitude, sem o mosteiro, sem a castidade. O caminho não era de negação, mas de integração. Não viu no amor que experimentou uma manifestação do mal; mas percebeu que suas próprias raízes mais profundas estavam presentes para além da relação com sua amada enfermeira. E assim, neste quadro, renunciou a este amor, e voltou ao “primeiro amor” (cf. Ap 2,4). O falar ao abade pôde fazer com que ele se conscientizasse de sua própria vocação.

É bastante questionável a prática de alguns “acordos” com formadores e superiores trocando experiências afetivas. Vejamos um caso: um jovem decide deixar a vida religiosa para um namoro. Mas limita este namoro a um ano. O jovem compromete-se a voltar para a comunidade de formação após este “ano sabático”. Fica claro aqui que a outra parte envolvida no namoro está sendo tratada como simples objeto, não como ser humano. Quando uma relação tem tempo limitado para

durar, estamos nos parâmetros não do amor, mas da prostituição. Que testemunho sobre a valorização e o respeito à pessoa e à família dão os que tomam parte em um tipo de acordo como este? Neste caso, o formando está sendo tratado como criança: terá seu “ano sabático” afetivo (férias de seus votos?!), sendo que, depois, mais “tranquilo”, poderá voltar à vida religiosa, sem problema algum.

Só podemos pregar com convicção, e convencer alguém, se nós mesmos acreditamos no que pregamos. Há irmãos presbíteros, por exemplo, que são bastante convincentes em celebrações nas quais falam da importância de os fiéis pagarem o dízimo. De igual modo, só serão igualmente credíveis ao pregarem sobre a castidade se estiverem igualmente convencidos de seu valor.

Os formandos, como os formadores e os outros membros da comunidade, possuem desejos, e como seria bom para todos nos ajudarmos mutuamente. É importante tratarmos de nossa vida afetiva não somente do ponto de vista psicológico, mas também existencial e espiritual. Um religioso não pode se esquecer de pedir a Deus o dom de sua graça, para que possa servi-Lo segundo a Sua vontade.

“Tia Leocádia”

Parece estranho o nome que damos a mais este rosto presente na comunidade. Expliquemos o nome.

A monja beneditina Irmã Geneviève Gallois escreveu, em 1954, um livro que se tornou célebre sobre a teologia da vida monástica, em desenhos. Trata-se de *La vie du petit saint Placide*, a “Vida do pequeno São Plácido”, que ganhou uma versão para a língua portuguesa em 1980. À primeira vista, parece um inofensivo livro ilustrado para crianças de famílias piedosas. No entanto, aqueles que lerem suas páginas tendo alguns anos de vida consagrada, ali encontrarão uma, ao mesmo tempo delicada e dura, crítica aos desvios nos quais nós, religiosos, podemos cair.

O papa São Gregório Magno, no segundo livro de seus “Diálogos”, conta a vida de São Bento. Ele relata que o santo abade recebeu em seu mosteiro dois meninos: um mais velho, Mauro, e outro mais jovem, Plácido. Contavam, parece, com cerca de 12 e 7 anos, respectivamente. É a partir de Plácido, o menino-monge, que Irmã Geneviève criou seus belos desenhos.

No livrinho, Tia Leocádia é uma religiosa; é tia de Plácido. Ela vai visitar o sobrinho numa ocasião. Ela chega acompanhada por seus três gatos; os animais eram tratados com luxo: comiam bife, ervilhas e queijo. O jovem Plácido fica espantado com o apego e o cuidado com o qual a tia alimentava seus animais de companhia, com ricas iguarias, e pergunta: “Que é isso?!” Ela responde ao sobrinho espantado: “Você é muito jovem! Não pense que passará toda a vida a amar somente a Deus. É preciso preencher os espaços vazios do coração”.

O jovem monge, com uma vassoura nas mãos, expulsa a tia do mosteiro, chamando-a adúltera. E acrescenta: “Encher de gatos (e do que quer que seja) um coração solenemente consagrado a Deus! Ter abandonado todos os deveres do século dizendo ser por um amor autêntico a Deus e deixá-lo decair para um amor por gatos!”

Em nossas comunidades também encontramos mulheres e homens que preenchem os espaços vazios de seus corações, que prometeram consagrar inteiramente a Deus, seja com gatos, com tecnologia, com viagens, em restaurantes, com amigos influentes, etc.

Se no rosto anterior, o do “sexólogo”, tínhamos questões acerca do conselho evangélico da castidade, a figura de Tia Leocádia nos apresenta problemas relativos à pobreza. Da mesma maneira que falávamos da castidade como virtude, ou seja, uma realidade que implica o nosso agir, e não simplesmente o deixar de fazer algo, também podemos dizer o mesmo sobre a pobreza.

Conhecemos religiosas e religiosos que costumam justificar o cultivo de outras paixões na vida pelo fato de haver renunciado a coisas fundamentais. Buscam então compensações: comem muito ou viajam muito para esquecer a falta que faz ter filhos e um/a companheiro/a. Trata-se de um caminho perigoso, que pode justificar muitas coisas. Logicamente, ter hábitos saudáveis, praticar esportes, ter vida cultural, dar-se tempo de descanso é fundamental para a vida de todo ser humano. Não é disso que falamos.

Há aqueles que não podem ficar sem renovar constantemente, seja seus celulares, seja seus computadores. Podemos justificar nossas compras de alta tecnologia devido à nossa missão. Sem dúvida alguma o religioso que trabalha com meios de comunicação, por exemplo, precisa de uma boa câmera fotográfica, por exemplo. Mas não há grande certeza se precisa de todos os elementos de tecnologia em seu computador, e que estes precisem ser renovados constantemente. Caímos, não poucas vezes, em consumismos injustificáveis sem perceber.

Tia Leocádia foi pensada por Irmã Geneviève nos anos 50. Será que ela não teria amigos hoje, ao invés dos gatos? Sim. E muitos. Só que pelo *Facebook*, que aproximou os distantes e distanciou os próximos. Seguramente ela teria mais de mil “amigos”, para os quais pudesse exibir seus gatos, seus passeios, suas compras. Em cidades turísticas, percebemos que é tão ou mais importante para os visitantes fazerem suas *selfies* do que contemplarem os belos monumentos. É preciso “atestar” seu passeio. E é quase depressivo quando seus “amigos” não “curtem” suas imagens no *Facebook* ou no *Instagram*.

Por vezes, Tia Leocádia é a jovem, ou o jovem, que vem de uma família humilde. Mas, agora, torna-se aquela ou aquele mais exigente em relação à qualidade do que se oferece a ele. A vida religiosa para ela ou ele não se tornou uma renúncia: todos os trabalhos lhe são pesados, e tudo o que se lhe oferece poderia ser melhor, seja a comida, os passeios, o transporte, os professores, a comunidade em si. Santo Agostinho já fazia referência a tal comportamento em sua Regra.

Há também comunidades inteiras que se transformam em Tia Leocádia: cada irmã ou irmão possui seu próprio veículo, seus amigos, seu ministério, seu salário. Suas viagens de férias não são mais para ver seus familiares, mas para gastar o que economizou durante o ano em lugares bastante interessantes...

A figura de Tia Leocádia nos traz um questionamento: será que não nos importa mais dar testemunho de simplicidade? Julgamos haver feito demasiadas renúncias para deixar de ter as consolações que os bens podem nos oferecer? Enfim, será que Tia Leocádia permaneceria no seu mosteiro se este ficasse pobre, e não mais pudesse pagar a comida cara de seus gatos?

O vaidoso

Para não falar da “casa do vizinho”, é importante dizer que este rosto é bem comum entre os dominicanos, pois há em nossas comunidades pessoas cultas, estudiosos, assessores de diversos grupos e organizações, escritores, etc. Estamos falando aqui prioritariamente não de uma vaidade da aparência física, mas daquela relativa à carreira, aos títulos, às capacidades de trabalho e, também, perigosamente, à piedade e vida de oração.

O vaidoso se torna incômodo por possuir opinião formada sobre tudo. É claro que sua opinião é importante (como a de todos os membros de uma comunidade), mas não é sempre, como ele o deseja, o ponto final das discussões.

Poucas vezes o vaidoso pergunta como o outro vai caminhando, como foi o dia ou a viagem de seu irmão ou irmã, ou mesmo se pode ajudar em algo. Ele sempre tem o que ensinar. Aos demais, não resta senão a opção de aprender dele ou dela. Mesmo que não conheça um assunto, sua capacidade intelectual é tão grande que o vaidoso poderá fazer excelentes conclusões partindo de poucas premissas. É ainda o irmão ou irmã que não aguarda que o outro termine sua frase para tirar suas conclusões. Como sabemos, o diálogo exige de nós uma difícil criatividade: a de nos colocar no lugar do outro. Mas nem sempre temos serenidade para poder fazer isso.

Gostaríamos de partilhar aqui nossa experiência pessoal, lidando com formandos vaidosos (sim, eles existem). Pudemos conviver com excelentes irmãos, nos quais este traço era bastante marcante. Quando tivemos oportunidade de aconselhá-los (o que sempre era delicado), sempre partilhávamos esta intuição: ao invés de falar sempre de si, perguntar ao outro, ser interessado em sua vida, vocação e ministérios. Isso pode tornar a comunidade um lugar de partilha, de interesse mútuo. A irmã e o irmão não estão lá simplesmente para nos aplaudir. São pessoas com as quais partilhamos a vida. Partilhar significa dar, mas também receber.

O Senhor feudal

Infelizmente, mesmo que boa parte dos religiosos seja itinerante, não é muito raro encontrar o rosto que aqui chamamos de “Senhor feudal”.

Os Senhores estão há muitos anos em uma comunidade. Os superiores simplesmente foram deixando-os lá. Os mais próximos afirmam que retirá-lo do local onde está há tanto tempo significaria como que sua morte. Ele, ou ela, possui grande influência, mesmo política, ao seu redor; fruto de seu trabalho e de sua presença, ao longo dos anos. Em alguns casos, pode ter até constituído uma família.

Uma casa de formação impõe, por seu próprio ritmo, uma real itinerância, de modo especial à comunidade formadora: a cada ano, os jovens modificam o cotidiano da comunidade que os acolhe. E não somente os formadores, mas todos os membros da comunidade são convidados a se adaptar aos mais jovens, para acolhê-los. Isso não significa que os mais antigos não tenham o que ensinar, mas que as perguntas e a presença dos jovens serão sempre dinâmicas, e farão com que os irmãos a cada dia se interroguem, pensem, sejam criativos. As-

sim sendo, todos os membros de uma comunidade formadora, mesmo quem já faz alguns anos que viva no mesmo local, têm a sorte de viver um modo de itinerância que a presença rotativa de formandos traz.

Mais do que nos lamentarmos pela presença dos Senhores (que geralmente resistem bastante a quaisquer mudanças que os mais jovens propõem), seria interessante pensar atitudes positivas que não incitavam os formandos a seguirem pelo mesmo caminho. O Mestre da Ordem dos Pregadores (título dado ao superior geral dos dominicanos), frei Bruno Cadoré, numa de suas visitas ao Brasil, recordava que, como somos humanos, gostamos de segurança, de estabilidade... mas o Evangelho nos pede outra coisa.

Um dos bons remédios contra o espírito do “senhorio” é a prática da consulta mútua, efetivando a vida comunitária em um plano vivencial. Explicamo-nos: o Senhor feudal, assim como o vaidoso, pensa que não precisa dos outros para acertar. Habitualmente, também nós não nos referimos uns aos outros antes de tomar decisões, muitas das quais tocam a comunidade (é preciso reconhecer). Entretanto, pequenas perguntas, tais como: - O que pensa deste grupo na Igreja? Como você vê esta medida que penso tomar em relação ao grupo que acompanho? Você usaria esta roupa em tal reunião? Você também tem dificuldades com aquela pessoa? - criam um clima de partilha, de consulta, que não nos leva a querer ser “senhores” de nada. E nos dão segurança, pois tomamos o tempo necessário de refletir e escutar, antes de executar.

Sabemos que um formador não pode ser imediatista: a própria natureza de seu trabalho é de caráter futuro. Por isso, podemos ver nos formandos que aceitam pequenos ministérios pastorais sem consultar o formador um futuro religioso “autônomo”, que dificilmente viverá comunitariamente. É preciso estar atento a isso.

Conclusão

As personalidades trazem desafios e também riquezas. Nossa plenitude enquanto pessoas realizar-se-á em nível escatológico, como nos ensina a fé. Mas, vivendo o seguimento do Senhor, com paixão e sinceridade, podemos estar certos de sermos já neste mundo sacramento do Reino de Deus.

O maior risco que pode existir em uma comunidade é o de não perceber o valor e as fraquezas de seus membros, ou seja, de não ser minimamente lúcida e auto-crítica. Às vezes temos tantos trabalhos

importantes em mente, que descuidamos daqueles que estão ao nosso lado. Se uma comunidade não é capaz de acolher, perceber e acompanhar seus membros, está fadada à esterilidade e não deve aceitar receber formandos. Não porque estes possam trazer-lhe problemas, mas porque ela não é capaz de ajudá-los.

Peçamos ao Senhor a graça de sermos como os Magos, que a Tradição viu como símbolo de todos os povos, os mais diversos possíveis: eles aceitaram, a partir de onde estavam, peregrinar rumo ao Senhor. Não importa a idade, a procedência, o rótulo que demos uns aos outros: nenhum cristão é dispensado de caminhar rumo ao Senhor, cujo Espírito transfigura nosso rosto naquele de Seu Filho.

Questões:

- Quais outros rostos identificamos em nossas comunidades formadoras?
- Buscamos, no dia a dia de nossas comunidades, uma comunhão que valorize a diversidade das personalidades, sem deixando de se preocupar com seu crescimento?
- Como, na diversidade da vida comum, auxiliar nossos/as formadores/as em seu trabalho de orientação, sem perder de vista o específico de sua função?

DIVINDADES – HUMANIDADES – VIDAS RELEITURA DAS ESPIRITUALIDADES INDÍGENAS

PE. JUSTINO SARMENTO REZENDE, SDB¹

Abrindo a conversa

Amigo leitor e amiga leitora, eu partilho com vocês um assunto muito interessante. Você que é membro do povo indígena, você que é não-indígena comprometido/a com as causas dos povos indígenas e você que é admirador/a das riquezas das culturas dos povos indígenas têm em mãos uma reflexão que lhes inspirará a recuperação e fortalecimento dos saberes indígenas.

A inspiração para a elaboração deste tema é a vida vivida e a história em construção com os povos indígenas da Bacia do Rio Uaupés, no município de São Gabriel da Cachoeira/AM. Os povos são: Tuyuka, Tukano, Barasana, Desana, Mirititapuia, Hupda, Carapanã, Arapaso, Siriano, Kubeu, Piratapuia, Tariano, Tatuyo, Makuna, Yeba-masa e outros.

O artigo apresenta um enfoque às Espiritualidades indígenas com o tripé *Divindades-Humanidades-Vidas*. É um tema que faz parte da minha vida e da minha história, pois eu faço parte de um povo indígena e convivo intensamente com outros povos indígenas. Também já tive oportunidades de manter contatos rápidos com diferentes povos indígenas e não-indígenas.

1 O autor é indígena Tuyuka. Mitologicamente conhecido como povo ꞀTÁPINO PONA, que significa FILHOS-DA-COBRA-DE-PEDRA. ꞀTÁPINO, *Cobra-de-Pedra* é o ser divino gesta o ser humano Tuyuka. É Padre Salesiano e Mestre em Educação Indígena.

As nossas identidades indígenas seguem a dinâmica das construções de nossas histórias, de nossas espiritualidades e teologias indígenas. Para nós, indígenas cristãos – católicos e evangélicos – as nossas espiritualidades indígenas perdem forças diante da grande força das teologias, espiritualidades e práticas de vida cristãs. Se nós, indígenas, não estivermos bem enraizados nas nossas espiritualidades indígenas, entraremos no *espaço mental religioso de clandestinidade*. Vivendo nesse espaço, negaremos nossas espiritualidades indígenas.

Na minha vida recente, a Antropologia, principalmente as teorias dos Estudos Culturais, tornou-se um instrumento de compreensão de diversas realidades que envolvem a minha existência: percepção de que as identidades e diferenças são produtos de processos contínuos de construção de nossas histórias; consciência de que os diversos espaços culturais que nos envolvem são espaços híbridos e de mestiçagem; atenção para as diversidades culturais (multiculturalidade); ajuda na criação de instrumentos de interação (interculturalidade) com os diferentes povos e suas culturas. Além dessas teorias, nós, indígenas, mantemos contatos vitais e íntimos com os seres vivos não-humanos: as águas, florestas, gentes-peixes, gentes-florestas, gentes-mundos.

No campo da vida religiosa cristã, onde nós, indígenas, estamos transitando nas últimas décadas, é importante entendermos que os diversos espaços religiosos e suas práticas religiosas cristãs estão em contínua construção histórica, passam pelos processos de resignificação de valores e práticas culturais. Nós, indígenas, temos possibilidades de refletir e recriar as identidades religiosas cristãs. Os espaços religiosos e suas manifestações também devem passar pelo processo de negociação de valores e de práticas culturais de outros povos e outras culturas.

Aprendemos a construir novas relações humanas. Adquirimos os novos conhecimentos e conseguimos ter acesso a outros bens materiais e imateriais. Desta maneira, hoje em dia, não vale apenas dizer ou isso ou aquilo, ou eu ou você. Vale hoje dizer isso e aquilo; eu e você; meus conhecimentos e seus conhecimentos; minha experiência religiosa e sua experiência religiosa. Todos podem contribuir para a construção de uma vida mais humana.

As Divindades – Humanidades – Vidas

Para nós, indígenas, nascidos dentro das culturas indígenas, esses temas estão entrelaçados e entranhados em nossas vidas e histórias. Atingem nossa dimensão material (corpo) e imaterial (espírito/alma).

Os próprios nomes étnicos são mitológicos carregados de conteúdos sagrados, histórias e projetos de construção da vida individual e comunitária. Alguns povos possuem suas origens existenciais em lugares/casas espirituais. Denominamos também de Casas de surgimentos, Casas de emergências e Casas de transformação. Para outros povos os lugares de suas origens estão no alto, no cosmo, na lua, no universo, no patamar acima de nós. Para outros estão localizados no patamar abaixo de nós, nas profundidades das terras. Outros, no nosso patamar, nas florestas, nos animais, nos peixes e outros seres vivos.

Desses diversos espaços os nossos benzedores buscam, encontram e trazem forças vitais para colocar no nosso coração, espírito e corpo humano. Tornamos, assim, corpos e espíritos, em estreita relação. Se o espírito da pessoa é bem benzido, o corpo torna-se sadio.

Nós, indígenas, devemos saber que a nossa existência é uma das existências como vidas. Além de nós, existem outras vidas do mundo: natureza, águas, peixes, árvores, insetos. Elas também são possuidoras de forças vitais e necessitadas de respeito.

Os nossos sábios benzedores são pessoas qualificadas que conseguem, num nível imaterial e material, estabelecer acordos de paz, harmonia, respeito entre os diferentes seres vivos. Através de benzimentos, eles entram num mundo imaterial (espiritual) para conversar, se entender e fazer acordos em favor das vidas. São benzimentos preventivos e de proteção. Quando, apesar desses cuidados, as enfermidades nos atingem, os nossos benzedores, com suas forças curativas, entram para matar os inimigos da saúde humana.

A dinâmica da compreensão da história e de diversos contatos culturais modifica a compreensão cosmológica e universal de nossos benzedores. Por isso, eles nem sempre conseguem atingir a origem da saúde e da doença da pessoa atual. Apesar de todas as mudanças entre muitos povos indígenas, quem possui sabedoria capaz de educar e cuidar da vida, continuam sendo os anciãos, como pessoas adultas, sábias, conhecedoras do mundo, da vida, do além-vida. Eles são apaziguadores, pessoas de equilíbrio, pessoas que benzem para defender a vida. O ancião-sábio-benzedor é salvador da vida, curador, mestre da vida. As práticas de sua vida testemunham o valor de sua vida, vida das pessoas, vida de diferentes povos. O ancião sábio não provoca brigas, mas promove paciência, paz, harmonia, equilíbrio.

Ação das divindades

Para nós, descendentes indígenas, é indispensável para o equilíbrio de nossas vidas a crença nas forças vitais que vêm das divindades e espíritos presentes em nossas histórias, em nossos espaços diversos. Na mesma intensidade de crenças nas forças positivas, nós acreditamos também nas forças destrutivas dos seres espirituais, seres “outros”, diferentes de nós.

Essas nossas crenças nos ajudam a viver na vigilância: aproveitar oportunidades para sermos benzidos, protegidos e curados; evitar a aproximação de pessoas e realidades que podem nos trazer malefícios.

Os nossos antepassados, com suas sabedorias e prudência, possuíam cuidados especiais com as práticas de vida, práticas rituais e cerimoniais. Antes da participação de rituais e cerimônias, preparavam-se purificando-se com rituais de abluções de água (vomitar água). Durante as cerimônias, seguiam regimes e dietas alimentares recomendados pelos benzedores. Assim eles assimilavam o sentido da vida comum do dia a dia e vida ritual e cerimonial. Atualmente somente alguns Kumu [pensadores, benzedores] e Baya [mestre de rituais e de danças] conseguem seguir as regras próprias de cada rito, cantos-danças e cerimoniais.

Símbolos e benzimentos

As forças protetoras e curativas de nossas vidas só nos atingem através de símbolos bem visíveis, palpáveis, degustáveis. São símbolos sagrados que os nossos antepassados escolheram inspirados e iluminados pelas divindades. Ainda hoje a escolha do material a ser utilizado para a realização de determinado benzimento é escolhido/sugerido pelo próprio benzedor. Assim os nossos benzedores, quando são bem preparados, continuam abertos à iluminação de seres superiores, divinos.

Teologias e espiritualidades indígenas

Nós, indígenas cristãos – católicos e evangélicos – consagrados segundo os rituais das Igrejas, devemos saber que cada povo indígena possui sua *própria forma* de relacionar-se com o Deus da vida (Deuses das vidas). Estes relacionamentos com as divindades expressam-se de *diversas formas* (milenares, renovadas). Deus da vida é conhecido com diversos *nomes e imagens* diferentes. Porém, é o mesmo e único Deus da vida. Cada povo explica para seus filhos e netos essa relação com Deus.

Cada povo indígena transmite sua experiência de Deus com explicações próprias. A educação para saber se relacionar com Deus e com pessoas é feita seguindo a lógica de vida de cada povo. É a vivência histórica e única de um povo.

São muitos povos indígenas. Cada povo tem sua própria experiência, história e vivência religiosa de estar envolvido pelas mãos de Deus, na sua presença divina. Cada povo se sente guiado por Deus na sua história: salvação, libertação dos fatos de dominação, luta contra o poder do mal.

Para os povos indígenas, Deus está presente na criação. A criação é a manifestação da ação de Deus. Cada comunidade indígena vive sua própria relação com Deus, porque a experiência de vida é própria e única. A natureza “é a nossa casa e é a própria casa de Deus”. O Deus providente cuida da pessoa e a pessoa ajuda a cuidar da criação de Deus. Por isso, dizemos que cada povo cria e recria, constrói e reconstrói seus próprios conteúdos e práticas culturais. De maneira geral esses conteúdos para os povos indígenas estão presentes nos mitos, lendas, histórias, ritos. Neles se encontra a história sagrada de cada povo. Essas histórias sagradas são transmitidas pelos anciãos da comunidade e conservadas por todos os membros da comunidade.

A educação dos filhos e netos sobre a relação com o Deus da vida é feita no cotidiano de cada povo. É a vivência do coração. Alguns povos indígenas afirmam: isto está bem porque o coração me falou; as decisões importantes se falam com o coração.

Os indígenas possuem profundas religiosidades: comunicação com a natureza, com cantos, danças, sonhos, relacionamentos com pessoas.

As teologias indígenas passam pela retomada das religiosidades indígenas. Da mesma forma que não existe uma única teologia da Igreja Cristã, assim também entre os povos indígenas existem muitas teologias e espiritualidades. Com todas elas, nós, principalmente indígenas, devemos estabelecer diálogos maduros. Estes diálogos podem favorecer a construção de instrumentos universais e sínteses de todas as religiões das culturas indígenas: **construção da vida, qualidade de vida, bem-estar**. Assim chegaremos a compreender e vivenciar a figura de um Deus universal.

Na lógica indígena, o coração é centro da vida. Festas são expressões simbólicas e a leitura dos acontecimentos. Percepção do projeto de Deus no seu processo de fazer-se Deus. Relação com os antepassados. Conversação e invocação dos parentes que já morreram. O espírito

dos antepassados está sempre presente na vida do povo. A escuta aos sábios cultiva os valores mais fundamentais da vida. Importância da festa: todo acontecimento da vida é motivo da celebração.

A mulher é aquela que guarda a vida, gesta a vida, dá sentido à vida. A mulher é referência teológica. Fortalece a consciência indígena.

Atualmente muitos indígenas vivem diversos anos fora de seus ambientes indígenas. Muitos deixam de praticar e participar de rituais e cerimônias de seus antepassados. Eu penso que eles devem possuir a consciência de suas espiritualidades indígenas. As espiritualidades estão entrelaçadas no estilo de vida das pessoas.

Embora afastados geograficamente de nossas origens, é muito importante para nós, indígenas, retornarmos às nossas casas, nossas culturas e vivenciar nossas espiritualidades com os nossos avôs, nossos pais e parentes. Ai a gente se reconhece como diferente daquilo que vivemos diariamente longe de nossas culturas de origem. Nós, indígenas, já fomos consagrados através de rituais que os nossos pais fizeram, quando nascemos e na primeira alimentação. Por estarmos já bem envolvidos com o cristianismo, muitos de nós não passamos pelos rituais de tornar-se adulto: iniciação masculina, iniciação feminina (primeira menstruação, banho, festa...). São realidades importantes que nos fazem falta em nossas espiritualidades.

Quando nós, indígenas, entramos na vida cristã, quando criamos consciência, sabíamos que a nossa vida indígena sofreria mudanças profundas (conversão). Através de diferentes etapas formativas, nós estamos sendo moldados para atingir aquele perfil desejado pelos nossos Institutos. Aí que nós, indígenas, resistimos, e muitas vezes silenciosamente. Penso que não se trata de nos revoltarmos com as regras de vida religiosa que abraçamos livremente, mas nós, indígenas, podemos, com paciência e criatividade, enriquecer a vida religiosa consagrada com os dons que Deus nos deu como indígenas. Penso, nesse sentido, em relação à Congregação Salesiana; trata-se da inculturação do carisma salesiano. O trabalho nosso de indígenas não é impor a outros para que vivam à nossa maneira. Deve-se respeitar a diversidade cultural onde qualquer povo saiba viver a sua própria vida. Descobrir um novo dia em cada dia. Observar as experiências de respostas espontâneas a muitas interrogações da vida. Nós, indígenas e não-indígenas da região amazônica, somos bem diversificados e ricos de qualidades. Veja, por exemplo, há irmãs salesianas que são filhas de pai e mãe indígena, há Irmãs descendentes de negros e índios e outros. Num grupo de pessoas tão diversas, o que se deveria privilegiar seria o diálogo, o enriquecimento contínuo.

A partir desta vida é que podemos falar de amor, que é uma linguagem de irmãos. Lembremos que a cultura está sempre em movimento. Lembremos sempre que a verdade de Deus está uma parte nas instituições religiosas e outra parte na cultura de cada povo.

Fontes das Espiritualidades Indígenas

Cada povo vive à sua maneira a sua espiritualidade. Neste sentido é possível falar de espiritualidades indígenas. A partir de diferentes práticas religiosas e espiritualidades indígenas, podemos fazer sínteses apontando algumas fontes dessas espiritualidades.

Vida Diária – cotidianidade – dia a dia

Muitos povos indígenas procuram viver intensamente cada dia. Essa maneira de vivenciar o valor da vida é uma das fontes das espiritualidades indígenas. Muitos indígenas da América Latina afirmam que nós vivemos envolvidos por Deus, vivemos no lado de Deus e vivemos nas palmas das mãos de Deus.

Deus tem em suas mãos toda a criação. A terra está nas mãos de Deus. Por isso, falamos que Deus é Mãe. Em muitas culturas indígenas percebemos que a mãe é aquela que serve cada um de seus filhos e filhas. Nas culturas indígenas da região do alto rio Negro/AM, as mães são aquelas que sabem partilhar do pouco que se tem com cada um dos filhos menores.

O dom de viver bem o presente – tempo atual é obra de Deus. A ação de Deus em nossas vidas acontece um de cada vez, em cada espaço cotidiano e nos espaços/tempos especiais.

Viver bem e estar bem significa viver no equilíbrio e na harmonia de nossa vida, nossa história. A Sabedoria é a capacidade de saber oferecer e receber continuamente o viver bem e estar bem. O desequilíbrio e desarmonia de nossa vida acontecem porque não sabemos tratar bem e estar bem conosco mesmos e com os outros. O espaço e o tempo são dons de Deus, neles nós devemos restaurar o equilíbrio e a harmonia. Como conseguimos? Através de diálogo contínuo com os seres protetores. Muitos povos indígenas pedem proteção às divindades antes de um trabalho, antes da pesca, da caça, antes da realização de festas, viagens. Podemos mesmo afirmar que o pedido de proteção acontece no dia a dia.

Os seres protetores são divindades, são espíritos. Dependendo de cada povo indígena, essas divindades habitam nas montanhas mais altas, são

espíritos dos antepassados, por isso, antes de qualquer trabalho deve-se pedir perdão e licença aos espíritos protetores. Outros espíritos são como nossas mães que estão continuamente nos protegendo e sem essa proteção podem acontecer desastres em nossas vidas, em nossos trabalhos. Outros espíritos intercedem o bem para nós. Outros espíritos habitam os lugares onde frequentamos e eles nos cuidam. Alguns espíritos vivem dentro de nós. Outros espíritos são protetores das casas.

Outros seres vivos também possuem seus protetores, são protetores da fertilidade, da fecundidade. São protetores de animais, de bosques, das águas, dos peixes e de diversos lugares. Existem espíritos protetores do nosso caminho para o trabalho e protegem o trabalho para que funcione bem. Cada matéria, cada ser tem o seu protetor.

Esses protetores podem fazer o bem e também fazer o mal (justiça). Na vida diária nós usamos uma maneira de nos relacionar com Deus, através dos benzimentos (defumação), benzimentos com a água de beber e de tomar banho para prevenir as doenças.

Processo de sermos (fazermos) gente (pessoa)

O processo de SERMOS GENTE passa pela forma circular. Primeiramente somos gestados (criados) durante vários meses dentro do ventre de nossa mãe, lá somos detalhadamente construídos, dia após dia. Depois nós nascemos para um mundo maior, convívio social. Levamos alguns anos para nos acostumar a viver com os outros. Depois passamos pelos rituais de iniciação masculina e feminina. Nas culturas indígenas existiam ritos especiais e exigentes. Acredito que muitos de nós, hoje, que somos religiosos/as consagradas, não passamos mais por esses rituais.

Outra fase importante no processo de fazer-se gente é o casamento. Alguns povos indígenas dizem que aquele tem mais filhos torna-se mais gente. Para nós, religiosos/as consagrados/as, essa fase não existe. Eu, muitas vezes, fico imaginando que, por essa necessidade, muitas vezes entramos em crises vocacionais, sentimos ausência de uma mulher em nossas vidas, e a mulher consagrada sente a necessidade de um homem na sua vida.

Como lidamos com essa parte? Como ultrapassamos? Como carregamos essa ausência? Até quando carregamos isso? Outra fase muito importante do processo de fazer-se pessoa é a prestação de serviços temporários e permanentes à comunidade. Nessa fase, nós, religiosos/as, podemos nos inserir com todas as forças, se assim conseguirmos fazer. A última fase é de se tornar Conselheiro/a: ser conselheiro é ser uma pessoa madura, é

saber como é a vida; se eu quero ser importante não devo decidir sozinho, mas devo consultar o homem e a mulher; não é uma caminhada solitária, mas conjunta; é o momento da plenitude de ser gente.

Mitologia: é Projeto de Vida de um povo

É uma história que fala sobre o que *deve ser* e o que *não deve ser* na nossa vida. Os Mitos alimentam a vida indígena. São narrativas sobre a vida de um povo, do cuidado que devemos ter pela vida. Esses valores aprendem-se durante o processo educativo nas famílias e comunidades. Lá nós temos nossas autoridades étnicas. Nós, que nos tornamos religiosos/as, ficamos muito tempo afastados de nossas comunidades de origem e nos afastamos desses valores. É importante, então, quando temos oportunidades (por exemplo, férias), voltarmos às nossas origens. Para algumas pessoas é difícil retornar aos seus lugares de origem e inventam viagens para outros lugares que não vão lhes inspirar as sabedorias de seu povo. É importante ouvir de nossos parentes mais próximos como eles nos veem e como eles falam de nós. Daí nós podemos tirar novas motivações, novos entusiasmos.

Simbologia

É a expressão do *sentido da vida*. A nossa própria vida é símbolo de algo muito superior a nós mesmos. Expressão do projeto de vida. Nós somos envolvidos pelos infindáveis simbolismos. Os nossos sábios interpretam a natureza e sabem quando ela se apresenta como tempo favorável à vida. *A natureza é vida, é outra pessoa dialogante.*

Ela sabe o que as pessoas precisam. Ela nos fala de Deus. Em cada parte da natureza está presente Deus. Dentro da natureza a parte mais importante é a TERRA. As pessoas vivem da Terra: trabalho, fruto. *A terra é a totalidade da vida.* A própria terra nos fala sobre o cuidado que devemos ter com a vida. Fontes de vida: bosque, rio e terra. *A terra é sagrada.* Pela terra Deus nos dá a VIDA.

Nossa História

É marca (sinal) de cada povo na natureza e indica cada etapa de sua vida. A nossa maneira de viver a história é nossa espiritualidade. Cada fase de desenvolvimento dos povos indígenas manifesta diferentes espiritualidades. Os enfrentamentos com os invasores das terras indígenas e inúmeras revoltas e guerras despertam nos povos indígenas outras espiritualidades. Os líderes e personagens que surgem nos momentos difíceis fazem surgir espiritualidades novas.

Em países latino-americanos surgiram Movimentos Indígenas que realizaram suas *marchas, reivindicações, manifestações* contra os poderosos e contra regimes totalitários. Muitas lideranças foram mortas. Essa busca da *Liberdade* forma a nova Espiritualidade. Busca da vida mais digna. Os territórios indígenas significam a vida do povo. Cada país, cada povo tem a sua história de fatos marcantes, positiva e negativamente. Esta realidade de alegria e tristeza, de lutas, vitórias, derrotas fazem as histórias de muitos povos e de suas espiritualidades.

Na região do alto rio Negro, também tivemos muitos movimentos religiosos, xamanismos, messianismos. Mais recentemente tivemos luta pela demarcação de nossas terras, desejo de ocupação e permanência de nossas terras; por outro lado, vimos muitas pessoas saindo de suas comunidades de origem para cidades. São movimentos que nos fazem perceber que forças internas, que espiritualidades provocam em todos esses movimentos. Mesmo nós, indígenas, que entramos nos institutos religiosos, também despertamos outros interesses e desinteresses. O que estamos levando para dentro desses institutos religiosos? Como esses institutos religiosos estão acabando com as espiritualidades indígenas? Que tipos de espiritualidades são criados por nós no contexto atual de nossas vidas?

Morte

Muitos povos indígenas acreditam que os mortos continuam vivendo nas comunidades. O meu avô Higino (falecido em 1983) dizia que os nossos parentes nos visitam todos os dias pela manhã e pela noite através da brisa da manhã e vento no final do dia. Outros povos dizem que o falecido vive durante três anos com a comunidade e sua família. Outros povos, logo no dia da morte, através do benzimento apropriado, enviam o espírito do falecido para a casa dos mortos. Para alguns povos indígenas, a morte de uma pessoa é uma festa.

Atualmente (2010) eu trabalho com o povo Yanomami e eles veem a morte como evento que requer a festa dos comunitários. Vão buscar as bananas e deixam amadurecendo na casa ritual; enquanto isso, os homens vão caçar e convidam seus parentes. Nesse período eles cantam e dançam todas as noites. E no penúltimo dia, fazem danças como comunidade, e no último dia preparam mingau de banana, pilam os ossos do falecido e misturam com mingau para o consumo da comunidade.

A festa dos finados tem a finalidade de RESTAURAR AVIDA EM HARMONIA e depois da festa não se pode mais falar do falecido, pois ele não existe mais. Eu já participei, dancei, pinte e tomei mingau.

Partilhei com vocês algumas questões sob a ótica de um Tuyuka. É importante levar em conta que muitas pessoas que habitam nas cidades do Amazonas são descendentes de povos indígenas. Outros são caboclos, mestiços. Muitas vezes essas pessoas vivem na clandestinidade (psicológica) e até negam ser indígenas.

Um professor de Antropologia Cultural, Bartomeu Melià, um pesquisador por várias décadas de povos indígenas do Brasil e do Paraguai, dizia que dentro de muitos brasileiros existe um índio adormecido e eles não querem mexer com ele, pois ele pode despertar/levantar e pode tirar a tranquilidade da pessoa.

De fato, em diversos lugares por onde eu andei, como padre, em São Paulo (SP), Campo Grande (MS), Curitiba (PR) e aqui, procurei falar abertamente da minha origem indígena, partilhar com os povos as riquezas culturais dos povos indígenas. Diversas vezes, após as missas, aquelas pessoas sem aparência indígena, pessoas brancas, vinham falar comigo e diziam: padre, eu também sou neto de indígenas.

Nós, educadores provenientes de diferentes culturas, crenças e religiões, temos uma tarefa importante com os nossos alunos e povos. O mundo de hoje e as pessoas precisam de educadores e adultos que deem segurança, equilíbrio, harmonia, esperança e qualidade de vida na convivência.

Para mim, vocês são educadoras e orientadoras das pessoas a respeito de pequenas e grandes realidades que envolvem a existência humana. São pessoas que estão mais na frente na questão do amadurecimento humano e no conhecimento sobre a vida e as questões que envolvem a vida humana.

Como educadoras e professoras, procurem ensinar mais com a vida, ensinem como vocês conduzem suas vidas; ensinem como vocês educam seus destinatários; ensinem como vocês tratam suas próprias irmãs; ensinem como vocês lidam com as situações difíceis da vida; ensinem como vocês ultrapassam os problemas que surgem nas famílias e com seus colegas de trabalho; ensinem para os alunos como vocês lidam com as conquistas, sucessos, êxitos, tristeza, frustrações.

Contem para os seus alunos como vocês se relacionam com os seres superiores a nós, divindades, espíritos; como vocês se relacionam afetiva e efetivamente com o seu Deus. E, o que Ele é para vocês. Todos nós, seres humanos, devemos ter uma estreita relação com o nosso Poder Superior. A nossa vida humana sem visão transcendental perde o seu

rumo, muitos criam seus poderes superiores nas coisas destrutivas: álcool, drogas e outras dependências que anestesiavam o ser humano das suas reais realidades.

Por isso, temos uma tarefa muito bonita: dar sentido à vida de todas as pessoas confiadas a cada um de nós. Será que seus alunos enxergam vocês mais do que professores? Que valores transcendentais eles olham em vocês? Que atitudes positivas suas apontam para algo muito maior que a nossa existência material e física?

Agradeço-lhes pela oportunidade de partilhar com vocês a minha vida, minhas crenças e minhas esperanças.

Continuemos construindo práticas educativas capazes de transformar a vida das pessoas e a convivência humana.

BIBLIOGRAFIA

- ŪTĀPINOPONA BASAMOR–. [São Gabriel da Cachoeira]: AEITŪ; FOIRN, 2003. 3 CD's (80 min). (Cantos Dançados Tuyuka).
- AEITŪ. *Bjtoa masirere mamara tjeñare. ũtapinopona Bueriwi saiña masi buere* (Pensamento dos jovens a partir do conhecimentos dos velhos, ensino com pesquisa - conhecimento através de pesquisa). No prelo.
- AEITŪ; FOIRN; ISA. *Wiseri Makañe Niromakañe* – (Casa de Transformação: origem da vida ritual Ūtapinopona Tuyuka). Histórias contadas por membros da AEITŪ, Associação Escola Indígena Ūtapinopona Tuyuka. São Gabriel da Cachoeira, AM; São Paulo, SP: 2005.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2000. .
- BESSA FREIRE, José Ribamar. Escola Tuyuka. Campo Grande, 2006 (Texto: em português, 13 p.). Entrevista concedida a REZENDE, Justino Sarmiento.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- CABALZAR, Aloisio. Organização social tuyuka. USP, São Paulo, 1995 (Dissertação de Mestrado).
- CANCLINI, Nestor G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2003 (Ensaio Latino-americanos, 1).
- CARVALHO, Crispiniano (org.). *Pa'miri-masa: a origem do nosso mundo: revitalizando as culturas indígenas dos rios Uaupés e Papuri*. São Paulo: Saúde Sem Limites, 2004.
- GENTIL, Gabriel dos Santos. Mito Tukano: Quatro Tempos de Antiguidades – histórias proibidas do Começo do Mundo e dos Primeiros Seres. Tomo I, Wadgut, 2000.

- GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- HALL, Stuart. Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- LASMAR, Cristiane. De volta ao lago de leite: gênero e transformação no alto Rio Negro. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.
- MAIA, Arlindo (org.). *Isâ yêkisímia masíke'*: o conhecimento dos nossos antepassados: uma narrativa Oyé. São Gabriel da Cachoeira: COIDI/FOIRN, 2004 (Coleção: Narradores Indígenas do Rio Negro – Vol. 6).
- REZENDE, Eduardo. *Basere*. Onça – Igarapé, 1996. Entrevista concedida a REZENDE, Justino Sarmiento.
- REZENDE, Justino S. ESCOLA INDÍGENA MUNICIPAL ʘTĀPINOPONA – TUYUKA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TUYUKA [Dissertação de mestrado], Campo Grande/MS, 2007.
- REZENDE, Justino S. A Educação na visão de um Tuyuka. Manaus: Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2005 (p. 73-102).

O ESPÍRITO AGE DE MANEIRA SUTIL E PERMANENTE!

“TUA PALAVRA É LÂMPADA PARA OS MEUS PÉS E LUZ PARA OS MEUS CAMINHOS!” (SL 119, 105)

IRMÃ REJANE PAIVA, OP¹

Mês da Bíblia 2018²

Tema: Para que n’Ele nossos povos tenham vida!

Lema: A sabedoria é um espírito amigo do ser humano (Sb1, 6).

Iniciando a conversa...

Mês de setembro nos recorda a morte de São Jerônimo³. Esse homem que, na sua época, traduziu a bíblia para o latim (Vulgata), língua falada por toda a população do mundo. Pode-se dizer que *vulgarizou* o texto bíblico. De lá para cá, muito caminho foi feito neste sentido.

É bom lembrarmos de que nesse intervalo aconteceu um cisma no mundo cristão.

Século XVI (1501-1600). Esse foi um período amplamente dominado pelo poder da Igreja Católica na Europa. As doutrinas e as decisões provenientes de Roma determinavam como as pessoas deveriam viver, em que acreditar, além de conferir legitimidade ao poder dos monarcas. Isso quer dizer que a Igreja Católica dominava quase todos os aspectos da vida no mundo ocidental europeu.

No início dos anos 1500, começaram a surgir diversos questionamentos sobre as crenças e práticas endossadas pelo Papa, terminando por romper a hegemonia da Igreja Católica. Por mais que Roma tenha tentado conter o movimento reformador, inclusive com violência, as novas doutrinas acabaram por se estabelecer e ganhar espaço. E houve um cisma. De um lado, os *Católicos*, firmando sua convicção de que a autoridade máxima para eles seria o Papa; e os *Protestantes*, firmando que a Bíblia e suas orientações seriam sua autoridade máxima.

Para melhor reflexão, o enfoque será sobre o que significou por parte da Igreja Católica o Concílio Vaticano II (1962-1965), sobretudo a Constituição dogmática “*Dei Verbum*” sobre a Revelação Divina. Uma das descobertas foi que, para entender, com a devida profundidade, um texto bíblico, temos que nos perguntar pelo contexto atual de Mundo, de Sociedades, da Religião, do Ser Humano (...). Temos de entender o *contexto* de ontem e de hoje. É uma tarefa exigente e bastante complexa.

Nós, do Brasil, temos o privilégio de poder usufruir da metodologia, ou melhor dizendo, da *espiritualidade* do CEBI ⁴ para o uso da Bíblia, levando-se em conta três dimensões, como mostra a imagem a seguir.

Uma maneira de representar o Triângulo da Leitura popular da Bíblia.



Nossa reflexão bíblica está interpelando nosso existir?

O que importa é verificar se estamos melhorando nossa vida pessoal, a vida de quem está perto de nós e a de todo o Planeta!

De acordo com o propósito deste material, iremos analisar apenas um aspecto do nosso contexto de hoje: o religioso.

Com o avanço das ciências, sobretudo das exatas, num certo momento, o ser humano teve a sensação e o vislumbre de que poderia ignorar sua transcendência, sua busca de absoluto. Imaginou que sua

razão, plenamente desenvolvida, era suficiente para que pudesse se sentir pleno, realizado e feliz. E assistimos hoje às ciências se desenvolvendo cada vez mais. Só para citar algumas delas: Física, sobretudo a Física Quântica; a Química e todas as suas ramificações, a Biologia.

Qual está sendo nossa surpresa? Hoje o ser humano experimenta uma busca que vai além do material. Busca o Transcendente, o Absoluto, o Divino, com tal intensidade, que a história ainda não havia registrado.

As Ciências da Religião chamam, o que pode ser observado, de fenômeno. O desafio é nos capacitarmos para interpretá-lo corretamente. Estou me referindo a quê? Em qualquer cidade, grande ou pequena, vêm surgindo, em grande quantidade, igrejas, templos, *garagens* de bênçãos. As denominações são as mais variadas! Um dado é evidente. O ser humano está buscando algo além dos bens materiais. Isso é certo. Está se percebendo mais que ser racional! Algumas vezes, nós, católicos, que fazemos parte de uma religião que já teve maior número de participantes, religião que veio com os dominadores, consideramos a mudança de religião como falta de fé. Esse aspecto de ida para outras *religiões* pode ser visto sob outros aspectos.

As Ciências da Religião possibilitam interpretar esse fato como uma busca de resposta para as questões essenciais do existir: *nasci para quê? Que sentido tem o existir? Como lidar com o sofrimento, com o mistério da morte?* Fala-se que estamos num tempo axial, de mudanças profundas e rápidas. Temos de acatar uma premissa científica para nortear as perguntas e respostas. Todo modelo religioso é uma criação humana e histórica, por isso limitado. O modelo que ainda temos até hoje respondeu a uma necessidade da época em que foi estabelecido. Novos tempos apresentam novas questões existenciais. E o ser humano, com sua criatividade, busca recriá-lo ou criar novos modelos⁵.

Podemos olhar essa ida de um modelo religioso para outro como uma procura e não como falta de fé. Qual será o modelo de organização religiosa que vai dar conta e encaminhar respostas para as questões essenciais que o ser humano carrega consigo hoje? O assunto é complexo! Pode e deve ser estudado e refletido sob vários ângulos. Por exemplo, fala-se de uma espiritualidade leiga! O que se esconde por trás desta afirmação⁶

Estamos numa encruzilhada. Os caminhos são diversos e, por vezes, conflitivos. Deixemos o Espírito atuar em nós, para fazermos deste momento uma oportunidade! Ele age gratuitamente!

Definição do caminho bíblico a seguir⁷

Para a abordagem do tema do mês da bíblia, tenho a possibilidade de escolha de caminho. É uma questão de opção. Mesmo sabendo que no texto atual de que dispomos das traduções bíblicas esteja tudo misturado. Queremos dar lugar ao que Howard-Brook chama de **Religião da Criação**. Eis como ele a define:

é uma forma de estar e agir no mundo fundamentada na experiência de um relacionamento com Deus que é fonte de bênção e abundância para todas as pessoas e toda a criação. Ela é caracterizada por um espírito de inclusão e abertura à mudança transformadora. Suas estruturas sociais baseiam-se em respeito e participação e nos relacionamentos de amor, de justiça e de hospitalidade’.

Neste mundo tão violento no qual vivemos queremos dar lugar de destaque para a bondade divina que foi colocada no coração de cada Ser Humano. Podemos e devemos atualizar, a cada dia, esse potencial que existe em nós. Saímos bons das mãos de Deus! A proposta do mês da bíblia deste ano me permite, nos permite e até aconselha esta escolha: Tema: **Para que n’Ele nossos povos tenham vida! Lema: A sabedoria é um espírito amigo do ser humano** (Sb1,6).

Tema: Para que n’Ele nossos povos tenham vida! Uma reflexão em torno da proposta do tema.

A) n’Ele.

Ao longo da nossa vivência religiosa, fomos criando imagens deste nosso Deus. Vou me deter ao salmo 103 e extrair dele algumas marcas deste Deus que caminha conosco. Vejamos: Ele perdoa todas as nossas culpas. Ele cura todas as nossas enfermidades com seu amor e compaixão. Renova nossa mocidade, como a da águia. Ele é justo, compassivo, clemente. Seu amor triunfa sobre aqueles que o temem. Ele conhece nossa condição e se lembra do pó de que somos feitos. A bondade de Javé existe desde sempre. A sua justiça é para os filhos dos filhos, para os que são fiéis à sua Aliança. Bendigam a Javé todas as suas obras. Ele é um Deus cósmico. Bendiga a Javé, ó minha alma! Ele é o Deus da nossa interioridade. Somos convidados, como Ser Humano, a fazê-Lo nascer em cada um de nós, todos os dias. É uma meta nos tornar divinos. Vale assinalar a afirmativa de Pierre Teilhard de Chardin: “*Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual... Somos seres espirituais passando por uma experiência humana...*”

Convém ler (cf. Jo 4,1-42), sobretudo, o versículo 23: “*Mas vai chegar a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores vão adorar o Pai em espírito e verdade (...)*”. Ainda não demos conta de perceber a profundidade do grito por Espiritualidade. Temos tentado! O caminho está se fazendo a duras penas, dentro deste sistema consumista, individualista, egoísta e cruel. Religião virou produto que se compra e vende. Tornou-se um produto de consumo.

Há um grito, um apelo constante na Bíblia sobre a busca da Religião verdadeira. Jesus foi assassinado por questionar o modelo religioso de sua época, assim como profetas foram perseguidos, torturados e mortos também por esta causa. “*Se alguém se considera religioso, mas não controla sua língua, engana a si mesmo e sua religiosidade é vazio*” (cf. Tg 1,26). “*A religião pura e sem mancha diante de Deus nosso Pai, consiste em socorrer os órfãos e viúvas em seu sofrimento e não se deixar corromper pelo mundo*” (cf. Tg 1,27).⁸

Ouçamos este grito poético e profético em busca de uma espiritualidade que alimente nossa alma. Algumas músicas traduzem essa ideia, como: “*Onde Deus possa me ouvir*”, de Vander Lee. Em seu refrão, é forte a mensagem: “*Sabe o que mais quero agora, meu amor? Morar no interior do meu interior. Pra entender por que se agridem, se empurram pro abismo, se debatem, se combatem sem saber*”.⁹

B) Nossos povos tenham vida!

Vida: percorrendo o conteúdo bíblico podemos perceber que, de uma maneira simbólica, o tema **Vida** é um fio condutor que perpassa todo o livro. Vejamos! Alguns marcos do Primeiro Testamento: as narrativas da origem do universo – 1ª (Gn 1-2,4a), com seu refrão “*E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom*” (v.31a), 2ª (Gn 2,4b- 25). Nessa narrativa, o grande símbolo é o Paraíso (Éden) – *Jardim*. Continuando no percurso do 1º Testamento, vamos encontrar o símbolo da “*Terra Prometida onde corre leite e mel*” (Ex 33,3). Fiquemos com esses do Primeiro Testamento. Do 2º Testamento: “*Reino de Deus ou Reino dos Céus*”. Ou como prefere Luís Alonso Schökel: “*O Reinado de Deus*”.

Jesus, através de suas parábolas¹⁰, nos mostra e comprova que a construção *do reinado divino* acontece de forma misturada com outra proposta contrária. Tem de ser para nós, cristãos, questão de opção diária, constante, e que exige muita lucidez, coragem e firmeza. Continuando na apresentação de símbolos bíblicos que comprovam que **VIDA** é o fio condutor da mesma. Agora, dando um salto histórico e cultural. Se

no símbolo do Éden (jardim) apresenta-se uma cultura rural, agrária e pastoril, na citação de um texto do Apocalipse surge uma cultura da *Polis* (cidade). Uma cultura urbana. O símbolo será outro. “*E eu vi que descia do céu, de junto de Deus, a cidade santa, uma Jerusalém nova, pronta como a esposa enfeitada para seu marido (...)*” (Ap 21,2-4).

Para este tema da **VIDA**, é conveniente não perder de vista o que nos afirma o 4º Evangelho, atribuído a João. Em Jo 10, 10, lemos: “*O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*”. Na época em que o texto bíblico foi redigido, a Física Quântica ainda não havia se desenvolvido, e é ela que nos apresenta um conceito de Vida bem mais amplo.

Somos convidados a repensar nosso conceito de Vida e, sobretudo, mudar nossa mentalidade para irmos adquirindo uma consciência ecológica.

C) Nossos Povos.

Após apresentação de alguns aspectos bíblicos sobre Vida, vamos delinear os aspectos sobre *ossos povos*.

Só para nos lembrar que o dado mais básico para se ter vida é alimentar-se, é ter o que comer. Na oração do Pai Nosso que rezamos com frequência, há um trecho que nos diz: “*dá-nos hoje o nosso pão de cada dia*”. É conveniente percebermos que se está falando de fome material, fome que se sente no estômago. Ter o que comer. Que interpelação fica para nós, cristãos, vivendo num Brasil com tantas possibilidades de fartura e tanta desigualdade? Como articular nossas ações para que nossa fé no Deus da Vida possa brilhar como Luz? É necessário ter o Pão que mata a fome do corpo. Sabemos e experimentamos que nós, seres humanos, temos outras fomes. O Deuteronômio afirma: “*Não só de pão vive o ser humano*” (Dt 8,3), e o profeta acrescenta: “*Dias virão - oráculo do Senhor Javé - em que vou mandar fome sobre a terra: não será fome de pão, nem sede de água, e sim fome de ouvir a palavra de Javé*” (Am 8,11). Vale repetir: “*Não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual... Somos seres espirituais passando por uma experiência humana...*”. Precisamos, sim, de alimento para o corpo. Para todos! Porém, precisamos alimentar nossa alma, nosso espírito. O autor da carta aos Hebreus afirma: “*Pois a Palavra de Deus é viva e eficaz, mais cortante que qualquer espada de dois gumes. Ela penetra até o ponto em que a alma e o espírito se encontram, até onde as juntas e medulas se tocam. Ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos*” (Hb 4,12).¹¹

É notório que há maneiras distintas de se ler o texto bíblico. Podemos e devemos nos interrogar: Nossa leitura, reflexão e vivência da palavra de Deus que está nas Escrituras têm transformado nossos sentimentos? Ela influencia nosso modo de agir? Fomos educados numa fé cristã que deu mais ênfase ao Deus da punição, do castigo, do que ao Deus da Criação? Como sermos construtoras e construtores da Religião da criação? Quais são os caminhos para a construção do nosso ser espiritual?

Fica subentendido que, quando assinalamos a necessidade de um ser humano, todos **os Povos** incluem-se aí também. Vida plena é para todo ser vivente, é para todo o Planeta. Nosso cântico do *Magnificat* expressa nosso sonho de uma sociedade igualitária: “*Derrubou dos tronos os poderosos e exaltou os humildes*” (...) (Lc 1, 52).¹²

Sabemos e experimentamos que é uma tarefa enorme e um grande desafio para nós, cristãos, construirmos uma sociedade igualitária. É uma promessa bíblica – O Espírito Divino está e estará conosco!

Cabe a cada um e a cada uma de nós continuar a reflexão.

Lema: A sabedoria é um espírito amigo do ser humano (Sb 1,6).

Esse é o lema do mês da bíblia de 2018. É tirado do livro da Sabedoria. Ela é uma expressão da amizade de Deus por nós, seres humanos. O livro da Bíblia que vai nos ajudar no aprofundamento do tema é o livro que traz o mesmo nome: o livro da Sabedoria.¹³

Um conceito de Sabedoria

Na Sabedoria há um espírito inteligente, santo, único, múltiplo, sutil, móvel, perspicaz, imaculado, lícido, invulnerável, amante do bem, penetrante, desimpedido, benfazejo, amigo do ser humano, constante, seguro, sem inquietação, que tudo pode, que tudo supervisiona, que penetra todos os espíritos, os inteligentes, os puros, os mais sutis. Pois a Sabedoria é mais ágil que qualquer movimento e atravessa e penetra tudo por causa da sua pureza. Ela é um sopro do poder de Deus, uma emanção pura da glória do Onipotente; por isso, nada de impuro pode introduzir-se nela: ela é um reflexo da luz eterna, espelho nítido da atividade de Deus e imagem da sua bondade’. (Sb 7,22-26)

A sabedoria é uma arte do bem viver! Condensa as lições que experimentamos ao viver. Faz transparecer as lições que só a vida pode

nos ensinar. Nasce das coisas simples do cotidiano, da casa e dos filhos (...). Expressa lutas, esperanças e canseiras. Tem uma finalidade prática. Ensina-nos a maneira adequada no agir. Ajuda-nos, como seres humanos, a nos conduzir com prudência e adquirir habilidade para ter sucesso na vida. Capacita-nos a aprender a refletir sobre o mundo. Os sábios, as sábias se interessam, sobretudo, pela vida das pessoas. São sensíveis à grandeza do ser humano, à sua solidão, à sua angústia diante da dor e da morte, do vazio do existir, do não compreender Deus. Na Bíblia, é mencionada a sabedoria do Rei Salomão, filho do Rei Davi, que foi o rei mais próspero de Israel, sendo considerado o homem mais sábio do Antigo Testamento e um dos mais sábios de toda a Bíblia. “*Deus deu a Salomão sabedoria, discernimento extraordinário e uma abrangência de conhecimento tão imensurável quanto a areia do mar. A sabedoria de Salomão era maior do que a de todos os homens do oriente e do que toda a sabedoria do Egito*”. (1Rs 4,29-30) A Palavra de Deus, também, muitas vezes, toma forma de Sabedoria.

Sabedoria caminho para a Justiça

Qual a relação entre Sabedoria e Justiça? Busquemos uma parte da resposta no texto bíblico:

Não busquem a morte no erro da vida de vocês, nem provoquem a ruína com as obras que praticam, pois Deus não fez a morte, nem se alegra com a destruição dos seres vivos. Ele tudo criou para que exista. As criaturas do mundo são sadias e nelas não há veneno de ruínas. O mundo dos mortos não reina sobre a terra. Porque a justiça é imortal. (Sb 1,12-15)

– **Porque a justiça é imortal. (Sb 1,12-15)**

Coincidência ou Providência Divina? Hoje, dia em que estou redigindo este texto, 05 de junho de 2018) - Dia mundial do Meio Ambiente – o papa Francisco nos convida *a cuidar da criação como um dom*. A terra é um bem comum. Vale retomarmos a Encíclica *Laudato Si’* – “Louvado Seja”, que reflete sobre a preservação do meio ambiente! O mesmo meio ambiente que clama por justiça. E para um estudo, há muitos textos bíblicos sobre a justiça, com destaque para Isaías 58. O capítulo todo faz a relação entre o culto e nossa prática da justiça, sobretudo o versículo 6: “*Por acaso, o jejum que eu escolhi não é este: romper as amarras da injustiça...?*”. Mais um texto bíblico para nos ajudar na reflexão e nos interpelar: “*Tesouros injustos não trazem proveito, mas a justiça livra da morte*”(Pr 10, 2).

Há textos bíblicos que fazem uma relação forte entre Sabedoria e Justiça e sobre quem pratica a justiça. Quem sabe neste tempo de crise estamos precisando capacitar nossos olhares e nosso sentir para percebermos melhor a relação entre Sabedoria e Justiça. Nosso Deus da vida não fez a morte. *“Eu não sinto prazer com a morte de ninguém, oráculo do Senhor Javé. Convertam-se e terão vida”* (Ez 18,32). Outro texto: *“Diga-lhes: juro por minha vida - oráculo do Senhor Javé: Não sinto nenhum prazer com a morte do injusto. O que quero é que ele mude de comportamento. Por que vocês querem morrer, ó casa de Israel?”* (Ez 33,11).

Nosso Deus não quer a morte. Quem sabe temos de alargar nosso horizonte mental e perceber que a profecia pode se dar além dos modelos clássicos! Pode estar havendo *“profecias”* em chaves de Sabedoria.

Sabedoria Divina

A sabedoria de Deus é diferente da sabedoria humana. Deus conhece tudo e sabe o que é melhor para as nossas vidas. Ele é a fonte de toda a sabedoria. Vê as coisas que nós não conseguimos ver. **A sabedoria de Deus é perfeita. Ela** é uma das características mais mencionadas a respeito de Deus. Ele é classificado como **onisciente**, ou seja, sabe ou conhece todas as coisas. *“Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!”* (Rm 11,33). A sabedoria é um aspecto significativo da revelação do Mistério de Deus.

Deixemos alguns textos bíblicos sobre a Sabedoria divina entrar em nosso Ser! *“Mas a sabedoria que vem do alto é antes de tudo pura; pacífica, amável, compreensiva, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial e sincera”* (Tg 3,17).

“Nós, porém, pregamos Cristo crucificado, o qual, de fato, é escândalo para os judeus e loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é o poder de Deus e a sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do ser humano” (1Cor 1,23-25).

“Deus é que tem sabedoria e poder; a ele pertencem o conselho e o entendimento” (Jó 12,12-13).

“Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos!” (Rm 11,33).

“Mas foi Deus quem fez a terra com o seu poder, firmou o mundo com a sua sabedoria e estendeu os céus com o seu entendimento” (Jr 10,1).

“Quantas são as tuas obras, Senhor! Fizeste todas elas com sabedoria! A terra está cheia de seres que criaste” (Sl 104,24).

“Por sua sabedoria o Senhor lançou os alicerces da terra, por seu entendimento fixou no lugar os céus” (Pr 3,19).

Convite: façamos um tempo orante a partir destes textos citados acima. Vamos reler sobre a Sabedoria humana e a sabedoria divina. Em seguida, elaboremos na cabeça e, sobretudo, no coração, um conceito sobre cada uma delas. O que pode e deve ser acrescentado às ideias apresentadas? Assumamos um compromisso conosco de cultivar a sabedoria!

Continuando a conversa...

O Espírito age de maneira sutil e permanente!!!

“O Espírito Santo é O Consolador que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar-se de tudo quanto vos tenho dito” - disse Jesus (Jo 14,26).

Ainda tenho muitas coisas para lhe dizer, mas agora vocês não têm condição de suportar. Quando ele vier, o Espírito da verdade, ele mesmo guiará vocês em toda a verdade, porque não falará em seu próprio nome, mas vai falar as coisas que tiver ouvido e anunciará a vocês o que está para vir. Ele me glorificará, porque vai receber do que é meu e o anunciará a vocês (Jo 16,12-14).

Jesus disse: ..., “mas vós sereis batizados com o Espírito Santo... E vão receber a força do Espírito Santo, que descerá sobre vocês. E serão minhas testemunhas. (...)” (At 1,5-8).

Palavras de Paulo: “Vivam segundo o Espírito,... Se vivemos em Espírito, andemos também em Espírito” (Cf. Gl 5,16-25).

“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus...” (Ef 4,30).

Já escutamos várias vezes e com diversificadas entonações de significado que estamos na era do Espírito! O que isso quer dizer?

Dos textos bíblicos citados, quais são as funções do Espírito? Enumere outras.

Fica uma sugestão para refletirmos: como ir nos tornando seres espirituais nesta época do superficial, do rápido, do imediatismo?

Questões

Enumere as questões que o fenômeno Religioso faz transparecer hoje.

- Qual é seu estudo científico sobre o tema *Religião*?
- Quais as posturas dos católicos diante de pessoas que mudam de Religião? O porquê dessas atitudes.
- Qual a Religião que habita em seu ser?
- Qual a imagem de Deus que predomina dentro de você: daquele que castiga ou daquele que perdoa sempre?
- Como, efetivamente, deixar a Religião da Criação tomar conta do nosso ser?

Notas de Fim

1. Irmã Rejane de Paiva – Dominicana de Nossa Senhora do Rosário de Monteils, pedagoga e trabalha com Bíblia. E-mail: paivarej@gmail.com.
2. Eis o esquema do Mês da bíblia destes quatro anos:
2016: A profecia em defesa da vida – livro do Profeta Miqueias.
2017: A Comunidade em defesa da vida – Primeira Carta aos Tessalonicenses; 2018: A Sabedoria em defesa da vida – livro da Sabedoria. O Texto-Base para o Mês da Bíblia em 2018 se propõe a auxiliar a leitura e o estudo da primeira parte literária do Livro da Sabedoria (Sb 1,1–6,21). Como objetivo principal, prevê-se que as pessoas, de forma individual, e as comunidades, em grupo, cheguem à leitura do texto bíblico, pois é perfeitamente possível que, juntando os diversos esforços e a oração, haja uma compreensão adequada; 2019: O Amor em defesa da Vida – Primeira carta de São João.
3. No ano 382, Pe. Jerônimo foi chamado pelo papa Dâmaso para ser seu secretário particular. Já em Roma, recebeu a incumbência de traduzir a Bíblia do grego e do hebraico, para o latim. Neste trabalho, ele dedicou quase toda sua vida. O

conjunto final de sua tradução da Bíblia, em latim, se chamou “**Vulgata**” e se tornou oficial no Concílio de Trento. Desde 1947, já se celebrava o Dia da Bíblia em 30/09, data de falecimento do santo. O **Concílio de Trento**, realizado de 1545 a 1563, foi o **19º concílio ecumênico** da **Igreja Católica**. Foi convocado pelo **papa Paulo III** para assegurar a unidade da fé e a disciplina eclesiástica. Em 1971, a Arquidiocese de Belo Horizonte (MG) propôs uma ação bíblica para todos os fiéis, leigos e consagrados, por ocasião da comemoração de seus 50 anos de existência. O período escolhido para os estudos bíblicos foi setembro, mês em que se celebra a memória de São Jerônimo, grande biblista na história da Igreja Católica.

4. **Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) - O Nascimento.**

Certo dia, nos anos sessenta, numa comunidade pobre no interior do Brasil, um estudioso da Bíblia explicava a lei bíblica que proíbe comer carne de porco (Lv 11,7; Dt 14,8). Dizia que essa lei nasceu no deserto. Devido ao forte calor e sem sal, a carne de porco estragava, e o povo que a comesse naquela situação poderia morrer. Essa lei visava a defender a vida da comunidade. Escutando isso, uma pessoa ali presente disse: “Então hoje, com essa mesma lei, Deus nos manda comer carne de porco!” Diante do assombro causado por essa conclusão, o agricultor, de mãos calejadas e rosto queimado pelos muitos anos de luta pela vida, explicou: “Hoje, a única carne que temos para nós e nossos filhos são os porquinhos que nós mesmos criamos. Então, se aquela lei era para defender a vida da comunidade, hoje, para defender a vida de nossas crianças e de nossa comunidade, Deus nos manda comer carne de porco!” Assim surgia diante dos olhos daquele biblista um novo jeito de ler a Bíblia. Ele havia chegado às suas conclusões estudando geografia, história, exegese. Mas aquele homem, quase sem instrução, fez, a partir da realidade dura e pobre em que vivia e da sua luta em defesa da vida e de sua gente, uma interpretação muito mais profunda do texto. Descobriu o Espírito de Deus por trás daquelas palavras antigas e, ao mesmo tempo, trouxe esse Espírito, a defesa da vida, para o momento presente e para sua situação concreta. Dessa experiência nasceu um novo método de leitura da Bíblia, uma leitura a partir da realidade e em defesa da

vida, que ficou conhecida como a “Leitura Popular da Bíblia”. **Os fundadores** – Jether e Lucilia Ramalho, Agostinha Vieira de Mello e Carlos Mesters. Para divulgar, aprimorar e capacitar pessoas no uso dessa forma nova de ler e interpretar a Bíblia (metodologia), foi fundado, em 20 de julho de 1979, o Centro de Estudos Bíblicos-CEBI. O CEBI constitui uma associação ecumênica sem fins lucrativos, formada por mulheres e homens de diversas denominações cristãs, reunidos pelo propósito de captar e fortalecer esse jeito de ler a Bíblia para que, junto com Jesus, possamos orar: “Pai, eu te agradeço porque escondeste essas coisas dos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado!” (Mt 11,25).

5. Libânio, João Batista – Olhando para o Futuro - Perspectivas teológicas e Pastorais do Cristianismo na América Latina, Coleção Teológica, Edições Loyola, 2003, SP/Brasil. Lenaers, Roger – Outro Cristianismo é possível – A fé em linguagem moderna, 2ª Edição, Paulus, 2010.
6. Corbi, Marià – Para uma espiritualidade leiga – sem crenças, sem religiões sem deuses. Paulus -2010.
7. A tese de Howard-Brook é que, em toda a Bíblia ocorrem duas visões religiosas concorrentes. Uma que ele nomeia de a **Religião da Criação**, e outra **Religião do Império**. São dois polos magnéticos opostos. Elas podem ser vistas em conflito uma com a outra ao longo da história humana. **Religião da Criação** é uma forma de estar e agir no mundo fundamentada na experiência de um relacionamento com Deus que é fonte de bênção e abundância para todas as pessoas e toda a criação. Ela é caracterizada por um espírito de inclusão e abertura à mudança transformadora. Suas estruturas sociais baseiam-se em respeito e participação e nos relacionamentos de amor, de justiça e de hospitalidade. **Religião do Império** é um produto criado pelo ser humano para justificar e legitimar atitudes e comportamentos que buscam abundância para alguns, à custa de outros. Ela se baseia no acúmulo de bens, riquezas e poder e gera desejo de adquirir mais e mais. É um modo de vida agressivo e defensivo. Suas estruturas de controle são hierárquicas e manipuladoras.
8. Mt 25,37-45; Is 1, 10-20, Is 58; Jr 7.

9. vídeo do Youtube: *Onde Deus possa me ouvir* de Vander Lee. (música e letra).
10. Parábolas do Reino: A semente, contada aos discípulos (Mc 4, 26-29); O semeador, contada a uma multidão (Mt 13, 3 -9); O joio e o trigo, contada a uma multidão (Mt 13, 24 - 30); A rede, contada aos discípulos (Mt 13, 47-50); O grão de mostarda, contada a uma multidão (Mt 13, 31-32); O fermento, contada a uma multidão (Mt 13, 33); O juiz iníquo, contada aos fariseus (Lc 18, 2 -8); O amigo que pede ajuda, contada aos discípulos (Lc 11, 5-10).
11. Ler neste mesmo sentido Gl 5, 19-25 - Frutos da carne e frutos do Espírito
12. Lc 1, 46-56 cf. 1Sm 2, 1-10 – Cântico de Ana.
13. lista dos livros sapienciais. Eles são sete. Eis-los: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes ou Qohelet, Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico ou Sirácida.